

O
JARDIM
DAS
PECULIARIDADES

Jesús Sepúlveda

—^o—
fac fic

*“Um indivíduo é revolucionário somente quando há
revolução, o resto do tempo resiste ou provoca.”*

O Jardim das Peculiaridades

Jesús Sepúlveda, 2001

Editado por *Facção Fictícia*

no outono de 2016

Jesús Sepúlveda (1967) é chileno e vive em Oregon, nos EUA. Contribuiu, com a extinta revista *Green Anarchy* e é um escritor anarquista em sintonia com sua época e que não limita seu discurso. História, filosofia, antropologia, literatura e poesia são campos que se misturam com sutileza em seus textos, como em *O Jardim das Peculiaridades*. Nele, Sepúlveda torna evidente o esforço massificador de uma sociedade industrial, dominada pela razão instrumental e que enxerga o mundo com um olhar alheio àquilo que denomina natureza. Para fazer isso, nos convida a uma reflexão sobre os artifícios do discurso que media nossas relações com o mundo ao nosso redor através de uma lente etnocêntrica, sexista e especista.

Introdução:

Diferentes como duas gotas d'água

A. J. Laskar

O Jardim das Peculiaridades é um texto híbrido; espaço discursivo onde confluem diversos gêneros literários e tradições epistemológicas. A transgressão da homogeneidade do gênero e a busca de explicações e soluções que transcendam os padrões do pensamento ocidental são partes da estratégia que Sepúlveda ocupa para repensar de uma maneira holística o problema da identidade e a relação do animal humano com o resto da natureza e com a própria vida.

Do ponto de vista da linguagem, misturam-se em *O Jardim das Peculiaridades* diversos gêneros literários: a poesia, o manifesto, a historiografia, o ensaio e a filosofia. Do ponto de vista epistemológico, Sepúlveda utiliza a tradição ocidental que parte com o Velho Testamento; revisa os filósofos gregos e conclui no século XX com a fenomenologia, o neomarxismo e o pós-estruturalismo.

Sepúlveda, no entanto, não se detém na tradição europeia para realizar sua desconstrução. Instala-se nas margens para posicionar suas 'categorias' espaciais, temporárias e gnoseológicas. Inclui, portanto, o pensamento contracultural de escritores primitivistas contemporâneos, como John Zerzan ou Chellis Glendinning, e o pensamento não ocidental da tradição oral indígena. A hibridez do Jardim das Peculiaridades é uma tática que tenta transcender a dualidade do pensamento hegemônico da tradição judaico-cristã, que é levada às últimas consequências e cancelada pela pós-modernidade.

A revisão histórica que Sepúlveda propõe transgride o que a sociedade ocidental considerou e aceitou tradicionalmente como história, vale dizer, a partir do nascimento da escrita. O Jardim remexe na genealogia do homo sapiens e seu meio como momento zero da alienação contemporânea. Dessa forma, pesquisa a existência do ser humano contemporâneo, através das múltiplas e numerosas cosmogonias que sustentam diversas culturas. Sepúlveda recorre a povos marginalizados como os aborígenes australianos, os mapuches da América do Sul, as civilizações mesoamericanas ou os esquimós do Círculo Polar.

Sepúlveda tenta – ao propor-nos este texto – repensar o posto e a missão do homem nos cosmos, elaborando um discurso anti-hegemônico. Tanto em seu estilo circular (em contraposição a um linear) quanto em seu conteúdo transhistórico, que Walter Mignolo denomina 'pensamento desde as margens', O jardim das peculiaridades é uma tentativa por aceder um conhecimento que possa devolver ao habitante humano do planeta a humanidade devorada pela civilização industrial. É uma tentativa de falar com um novo código para dizer novas coisas, disso a potencial dificuldade que acarreta sua decifração.

Os tópicos do texto que estão a ponto de ler incluem temas como: a ideologia, a domesticação, a robotização, a eficiência, a colonização, a arte, a globalização, a festa, a beleza, o Estado, o etnocentrismo, o patriarcado, o expansionismo, as formigas, a ansiedade, a consciência, a especularidade, a divisão do trabalho, as razões éticas, estéticas e instrumentais, as drogas, a desterritorialização, a linguagem, o canibalismo, o veganismo, entre outros.

Estes diferentes temas são articulados por Sepúlveda com o propósito de definir a essencial peculiaridade humana, que, diferente das idéias de pensadores neo-freudianos como Lacan, não se estabelece na dicotomia eu/outro, mas que é definida fenomenologicamente a partir da peculiaridade da consciência e da constituição e experiência perceptiva pessoais. Para Sepúlveda o problema consiste em reconhecer a peculiaridade do sujeito em sua diferença.

Tomemos como exemplo uma pequena flor amarela que cresce entre as linhas ferroviárias que unem Santiago a Valparaíso. De longe se vê uma longa e estreita pradaria amarelada. Se nos baixamos em Quillota para observá-las com maior detalhe, damos-nos conta de que todas parecem ser a mesma. No entanto, ao fazer um apuramento mais detalhado, damos-nos conta de que não existem dois dedais-de-ouro idênticos. Poderão ter enormes semelhanças, mas sempre um será levemente diferente do outro. Esta leve distinção é o que Sepúlveda identifica como o peculiar. A importância deste 'detalhe', consiste em nada menos do que o que põe em questão qualquer tentativa de reducionismo e numeração, reposicionando a infinidade da vida na finitude de cada ser.

O Jardim sustenta que a irreduzibilidade da multiplicidade de cada ser num conceito único e geral (estratégia central da epistemologia racionalista e cientificista) desmantela a pretensão homogeneizadora da sociedade tecnocrática/capitalista em seu afã padronizador.

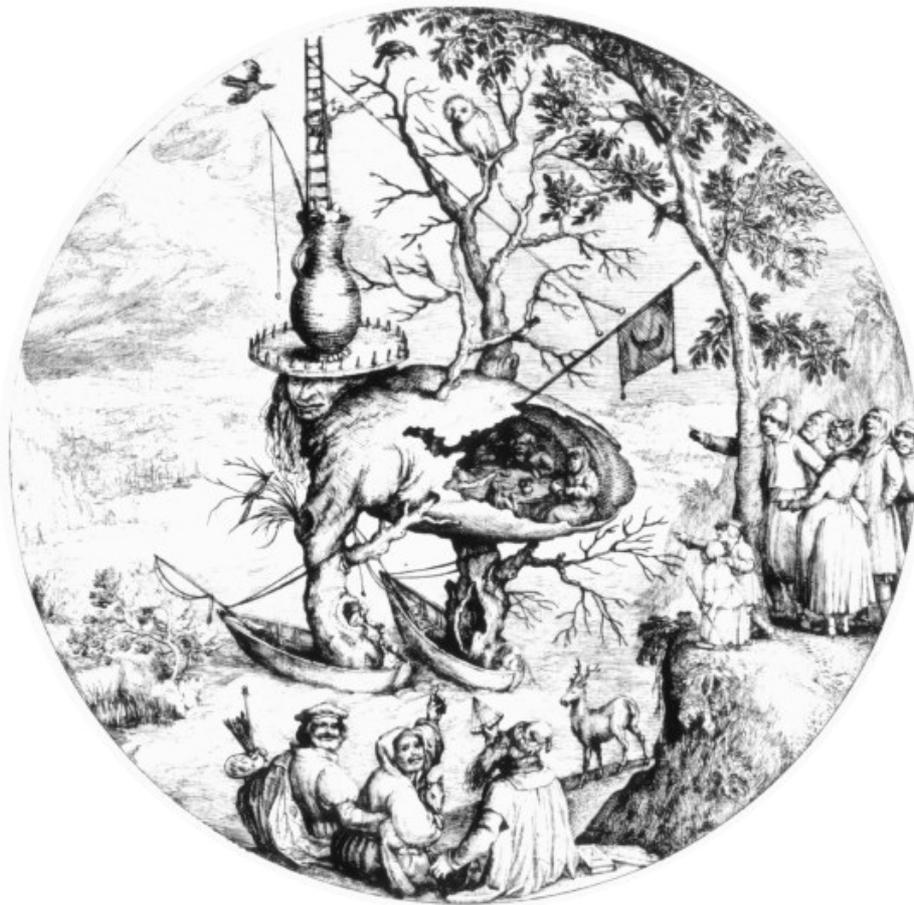
O aplanamento cognitivo aperfeiçoado por Aristóteles ao classificar e conceituar os fenômenos, por exemplo, separar a natureza em matéria inerte e organismos vivos faz tabula rasa das peculiaridades e se converte ao mesmo tempo na principal ferramenta e justificativa ideológica da razão instrumental; razão que tem por objeto domesticar a natureza – incluindo o ser humano – para pô-la a serviço da sociedade utilitária e classista.

O Jardim das Peculiaridades opõe a razão estética à razão instrumental. Sua 'utopia' consiste na celebração da vida em todas suas manifestações e na apreciação e contemplação da beleza em todas as suas dimensões. O Jardim das Peculiaridades transcende qualquer humanismo, descentralizando a importância do ser humano dentro das estrelas para reinstalar ao centro o universo mesmo: à maneira de uma infinita epifania.

Eugene, Oregon, EUA. 2001.

O Jardim das Peculiaridades

Jesús Sepúlveda



A ideologia se cristaliza como um mapa na memória. Legitima-se propagando a falsa ideia de que o mundo em que se vive é o melhor dos mundos possíveis, ou o sistema que melhor funciona, sem considerar as suas falhas. Por isso, não é estranho ouvir dizer que o socialismo é melhor que o capitalismo, o livre mercado melhor que o estado proletário, a democracia melhor que o fascismo, a ditadura militar melhor que o comunismo, a república melhor que a monarquia, o feudo melhor que o escravismo, a cidade melhor que o campo etc. Quaisquer que sejam os argumentos que se esgrimam, todos caem em última instância no absurdo, porque tendem a justificar a repressão no altar de uma suposta ordem necessária. Deste modo, a ideologia demoniza seus opositores como parte do – também fictício e construído - caos, louvando a medida e fomentando a resignação. Assim, a ideologia paralogiza e adula os desprevenidos para que aceitem todo o mal como algo inevitável, com uma deixa de fatalidade ou de orgulho, mas sempre com renúncia e sacrifício. Da mesma maneira, não é raro ouvir dizer que as mudanças são impossíveis ou que já não há ideais por que lutar nem esperanças a abraçar. A ideologia planifica o desespero coletivo: Aliena. Derrota. É tanto ou mais teimosa que um dogma, porque sua finalidade não é outra senão perpetuar. Para isso emprega todo o leque de instrumentos que tem a seu alcance: o genocídio, o ecocídio, as eleições ou simplesmente o medo, que fixa a imaginação ou a apaga.

A ideologia opera como uma narrativa que domestica por meio de sua lógica sistêmico-padronizadora. Expande-se como um vírus – ou praga transparente e mimetizante – que se expressa nas modas ou nas identidades com etiqueta. Assim ninguém a vê, ninguém a sente, ninguém a toca: mas todos falam por sua boca. Asfixia a mente, que se conecta a um servidor – ou a uma máquina-mãe – e a ele acopla os olhos. Depois ela se reproduz mecanicamente e acumula o desejo insatisfeito que roda numa espiral oscilante, como se fossem os vincos de um acordeão ou o coração artificial que bombeia agônico, até que o império se rearme, o governo se reagrupe, a casta reviva, ou o sistema faleça por própria decadência.

A ideologia se cristaliza como um mapa. Dá uma falsa noção do mundo, como se fosse uma criação mental, ou um palco construído sobre a base da engrenagem produtiva: a borbulha ideológica e material que funda os chamados sistemas políticos e econômicos que organizam as formas de dominação eco-social. A ideologia se justifica propagando a falsa ideia de que este é um mundo feliz – e viável – e que, apesar de suas falhas, é melhor fechar os olhos para se acostumar a sobreviver e evitar qualquer sonho fértil. Quando um sujeito sonha acabam-se os pesadelos e a fantasia floresce. Isto pode ser altamente subversivo, porque além de deixar voar a imaginação, apaga as narrativas e contorna os mapas, que ficam na fétida lixeira dos despojos.

2

A domesticação é um processo que alguns animais sofrem neste planeta. Reduz o silvestre e acostuma à ausência do jardim natural de seres vivos neste planeta. Elimina qualquer rasgo selvagem que se negue com naturalidade agressiva à padronização deste planeta. Apaga o agreste e o espontâneo que fizeram possível este planeta. Homogeneiza todas as criaturas em grupos de criaturas e uniformiza a vida em unidades que categorizam tudo o que vive e respira neste planeta. Classifica os seres humanos fora do reino animal, criando as categorias de reinos e ordenando as plantas e os insetos como objetos de vida morta neste planeta. A domesticação é um processo que se sofre como estranha doença que arrasa a vida ao longo e ao largo do planeta, ameaçando destruir a existência de todos os que habitamos seu relevo mágico.

3

O carinho dá força. Sem ele é muito difícil lidar com experiências tão intensas que dói suportar. A ternura é um modo de vida oposto à automatização do relógio e do trabalho forçado. A robotização é um meio de morte oposto à libertação do tempo e do lazer, que permitem ao carinho crescer como um galho saudável na horta de todos e assim estender seu aroma entre os seres vivos que habitam o jardim planetário. A globalização, pelo contrário, impõe um molde automatizador ao nosso jardim. Manifesta-se num processo triplo, que compreende a expansão imperial do capital, a padronização mundial através do controle econômico das empresas multinacionais e a domesticação do solo por meio da monocultura, destruindo a diversidade natural e pavimentando a terra. Sua ganância atenta contra todo ciclo natural. O solo é a pele e a carne que cobre nosso planeta. O ar limpo é a paisagem que nos brinda oxigênio e nos protege de morreremos queimados pela penetração dos raios ultravioletas. Os condores e as ovelhas de Magalhães têm ficado cegos por causa da debilitação da camada de ozônio. A água nos dá a vida. Terra, ar e água são partes de um ciclo natural que a contaminação interrompe. Logo, o fogo nos dá a energia de que precisamos e o sol nos nutre de compaixão e ternura.

Certamente todos precisamos de ternura. O gato que se esfrega entre as pernas dos convidados, ou que ronrona nas saias de quem se senta. O cachorro que salta entusiasmado e olha, esperando seu reconhecimento. A ternura nos reconecta a todos e nos faz bem. Quem não sentiu gosto ao passar a mão pelo rosto de um ser amado ou gozou suas carícias sobre o corpo?

As réplicas robóticas cibernéticas só trabalham. Percebem falsamente o tempo, o qual habitam como uma linha contínua onde o passado, o presente e o futuro se entrecruzam e existem simultaneamente, mas de modo irreal. A noção de tempo é uma imposição autoritária de ordem social e se justifica com

a falsa ideia do progresso, que não é senão um modelo de legitimação da ordem dominante: o industrialismo, o encarceramento e a delimitação territorial. Materialmente vivemos no presente, que não é senão a própria existência.

“Hic et nunc”, diz o provérbio latino: aqui e agora. Por isso, a memória – sempre ativa e arbitrária, mutante e seletiva – nos entrega uma percepção de nossa própria experiência. A experiência amplifica a peculiaridade, e é diferente da história, isto é, da padronização do oficial. O único fator comum a todas as peculiaridades que há na Terra é a ternura. O afeto é uma necessidade primária do ser humano. Sábio é entender então que sem carinho nem amor, não há revolução que seja possível.

4

A eficiência é inflexível. Um cobrador automático processa somente a quantidade exata para imprimir um bilhete de microônibus, de outro modo não funciona e invalida a operação. O caixa automático se alarma ante um Algarismo não programado e recusa o cartão de plástico. Essa é a lógica da eficiência, ou a razão da inflexibilidade. Dessa forma, ante essa lógica, ser indeciso é um signo de ineficiência, que marca e queima com a mácula do flexível.

A seiva que flui na natureza se esparrama sem um padrão estável de identidade. Seu fluir corre espontaneamente. Não se reproduz de modo idêntico e recusa os moldes da mecanização. O fluido é o movimento constante. Enquanto o rio corre, as gotas que o constituem não têm réplica possível. Por isso, congelar uma gota, apartá-la, isolá-la é um ato contra natural. Clonar a natureza a fim de verter sua réplica num tubo de proveta é um ato reificador. A natureza é peculiaríssima e frágil como cada floco de neve. Seu espírito é flexível. A lógica da padronização, em contraste, articula-se por meio dos mecanismos da eficiência. Um experimento não pode flexibilizar-se, já que requer um padrão estável que seja posto a prova sob condições e coordenadas inflexíveis. A vida que flui de modo orgânico, como a seiva das plantas, não é um experimento de laboratório sob controle científico. Pelo contrário, floresce com a flexibilidade de um botão. A seiva rega o mundo por meio de cada uma de suas peculiaridades.

A eficiência nega a natureza, já que trata de impor um painel de controle sobre o jardim que brota espontânea e organicamente. A eficiência se expande e coloniza, ignorando toda peculiaridade. Por isso, sua função é construir categorias que operem com a lógica da padronização taxonômica. Assim diferencia e cria conjuntos, ao mesmo tempo que nega as diferenças desses mesmos conjuntos, que também não conseguem resistir à luz e à organicidade de suas próprias peculiaridades.

A realidade é um jardim de peculiaridades lavrado numa constelação de

outras peculiaridades, que por sua vez se desfazem no universo próprio de si mesmas, ao ritmo da seiva que flui e floresce. O fluido não se organiza nem se representa. É só um fluxo. Tudo o que habita nele é orgânico, e cresce no movimento constante de cada constelação, única e irrepetível. A organicidade das mudanças – que às vezes se expressa aos borbotões como água fervendo – surge quando os seres humanos concentram sua energia – que se volta conscientemente auto-reflexiva – e corrigem o curso dos fatos cotidianos. Mas a organicidade também é natural e independente da consciência. O aquecimento global causado pela tecnologia humana fará com que o planeta se esfrie a fim de contrapor o calor horrível e artificial dos gases fósseis. Isto causará inundações, maremotos e até o desaparecimento de povoados costeiros. Não entender isto é alienar-se do curso da vida que flui entre nós mesmos. É cair na coisificação, isto é, nessa lógica que põe aos sujeitos como objetos mortos num painel de controle. Esse é o tabuleiro que acende e apaga os sistemas maquímicos, negando com seu tique-taque pausado o permanente derivar da vida.

5

Há poucas coisas verdadeiras, ou pelo menos, quase irrefutáveis. Uma delas é que a vida sempre floresce ao redor das árvores. Outra, que as árvores não vivem sem água. Caso contrário, secam. A devastação florestal e as barragens não só implicam o domínio humano e corporativo sobre a natureza, como também a destruição de toda fonte de onde emana a vida. A defesa do planeta, por todos os meios possíveis, não é só uma questão de autodefesa, mas também de sobrevivência.

A autopreservação da espécie humana levou ao domínio da natureza. Mas este mesmo domínio atenta contra qualquer autopreservação. Isto é um círculo vicioso que cedo ou tarde deverá ser rompido. De outro modo, o único caminho será a destruição total. Sua ruptura é mental e material. Tem a ver com os modos de perceber a realidade e também de interagir nela.

O domínio do meio ambiente e das criaturas que o habitam não leva à preservação, e sim à colonização. Seu efeito é concreto: a conquista do planeta, dos animais, das plantas, dos insetos e, de fato, dos seres humanos. As pessoas reais que ainda não foram alienadas de si mesmas – por sorte ou resistência – ainda sentem uma forte relação com a terra e mantêm uma estreita conexão com seus ancestrais. Os povos originários têm um sentido de sensatez que não se observa nas culturas civilizadas. A população primitiva ainda conserva sua sabedoria atávica. A seus olhos, compreender que os seres humanos não são senão natureza, é um ato de simples lucidez.

Esta revelação radical desconstrói qualquer taxonomia – e classificação epistemológica – tendendo a justificar a objetificação das pessoas em categorias reificadoras: reinos, classes, raças ou ordens de qualquer tipo. Os seres humanos não são senão natureza. Cada criatura é autêntica e não se

repete. A clonagem colonizadora e a noção de uma identidade monolítica – identidade subjetiva idêntica à de seus semelhantes e, desse modo, petrificada – nega a peculiaridade de cada ser. A civilização – e sua expressão sublime: as cidades – encarna tal negação. Sua tendência aponta à expansão, que traz consigo o colonialismo ou a guerra santa. As civilizações cristãs, muçulmanas, inca, asteca, nipônica, otomana, greco-latina ou chinesa, entre outras, foram fundamentadas na invasão e na conquista. A civilização – vista como segunda natureza – legitimou a destruição de tudo aquilo que não é senão a própria natureza. A negação do natural fundamenta a ordem civilizada, que se expande como domínio e se manifesta de modo sanguinário no extermínio dos povos indígenas e das culturas autóctones.

Para a civilização, todo ato de destruição de seus ícones é um ato iconoclasta ou terrorista. Quando a civilização destrói a vida e a cultura – alheia a sua ordem civilizada – significa ação civilizadora. Esta foi a lógica da colonização.

O extermínio dos povos colonizados não se levou a cabo somente por meio do chicote ou do disparo do canhão, mas também por meio da devastação dos bosques e da construção de barragens.

6

O indivíduo tende a ver-se a si mesmo como um sujeito individual. Isto é, como um ser indivisível, único e monolítico. Dita visão gerou uma falsa consciência do ser que justifica tanto o individualismo pragmático, como a incorporeidade cartesiana do ser: “Penso, logo existo”, a mente sobre o corpo, o mundo virtual, o espaço próprio etc. A propaganda institucional das escolas e o autoritarismo da voz científica dos experientes, impulsionaram a população civilizada a internalizar a noção de um sujeito monolítico, cuja identidade incorpórea se coisifica num ego expansivo, reproduzindo a lógica instrumental do pensamento colonizador do Ocidente.

O eu expansivo se assume no indivíduo único e indivisível, negando com isso sua multiplicidade, sua pluralidade e sua flexibilidade. Tudo o que constitui o peculiar de si. Por isso, enquanto a identidade monolítica nega a multiplicidade, o incorpóreo recusa a realidade. Assim, a identidade indivisível se reifica por meio da consciência incorpórea do eu. E essa consciência se nutre e se forma através dos mecanismos padronizadores do conhecimento taxonômico.

O indivíduo não é um ser à parte da totalidade, nem está fragmentado entre seu corpo e sua consciência. O indivíduo é parte da totalidade e seu corpo interage na realidade. Desconhecer isto é justificar a alienação. Sentir o vento, por exemplo, que cruza os poros quando nos detemos sob a noite olhando as estrelas é prova suficiente de que a totalidade existe. Crer o contrário é estar tristemente alienado.

A poesia e a arte evitam a padronização da peculiaridade. A linguagem artística sugere, em vez de descrever compreensivamente, a presença imediata do ser. A arte e a poesia desfazem a redução a que o controle intelectual submete, e permitem que seus cultivadores adquiram parte da totalidade. A este devir se chama autenticidade ou voz própria, ou seja, o genuíno que existe em cada qual. Dita autenticidade não é senão a peculiaridade de cada ser: aquilo que se opõe à sua padronização, expressa – entre outras formas – por meio da reificação do eu. Pensar, por exemplo, que se é uma imagem projetada num espelho, ou acreditar na combinação formal e pictórica de um retrato, ou na imagem reproduzida por meios mecânicos – a fotografia, o vídeo ou o celulóide – representa o distanciamento alienante entre a realidade do ser e a consciência cartesiana reificadora a que o mundo civilizado submete. As imagens como construções ideológicas mediadoras das relações humanas constitui o que Guy Debord cedo chamou de “a sociedade do espetáculo”. Desde então, o mundo se tem conglomerado como um enxame de abelhas ao redor de centros panópticos de domesticação: a tv, Hollywood, a fama. Sem contar a vigilância e o controle. As imagens levam em massa os indivíduos a verem-se a si mesmos como sujeitos individuais. Isto é, como seres indivisíveis, únicos e monolíticos, ignorando com isso sua flexibilidade, sua pluralidade e sua multiplicidade. Esta última trilogia é a que conforma a peculiaridade inata de cada ser.

7

As mônadas – segundo o sistema filosófico de Leibniz – são substâncias indivisíveis de natureza diferente que compõem o universo. O neutrino – segundo as ciências físicas que especulam sobre buracos negros e universos paralelos – é uma partícula eletricamente neutra de massa inapreciável. Os seres humanos são parte do universo. E cada qual tem uma natureza diferente à do outro. A personalidade não se reproduz, mas se cria. E isto ocorre porque somos seres divisíveis, múltiplos e flexíveis: o menino que foi, não é o ancião que logo será. A personalidade renitente também varia. Única e polidimensional. Cada dimensão do ser é divisível por tudo que o constitui: mente, corpo, experiência, memória etc. Inclinar-se pela neutralidade também é negar uma parte do ser. Irradiamos vibrações negativas ou positivas. Também podemos ser magnéticos e arbitrários.

Nossa massa corpórea é visível, palpável e desfrutável. É apreciável. O corpo é real. Nem o neutrino nem as mônadas podem descrever o ser humano perfeitamente. A não ser os genes. A multiplicidade que nos pressiona ou dá plenitude descreve em escala humana essa mesma multiplicidade do universo: a multidão de universos múltiplos. De fato, tudo habita em tudo, ainda que sem carências de contradições. Os universos múltiplos são uma realidade. É como ir a uma festa e encontrar-se com pessoas múltiplas, paralelas a si mesmas.

Provavelmente, a colisão de dois universos provocou outros universos, que nasceram, cresceram, desenvolveram-se, amadureceram, envelheceram e morreram com o tempo. Em algum ponto dessa charada estamos nós, como a vida microscópica que hospedamos dentro. A expansão do universo representa seu crescimento e envelhecimento. E terá a idade suficiente ao momento de morrer ou concentrar seu todo múltiplo num buraco vazio. Nós nada podemos fazer a respeito, porque não existe nenhuma máquina que possa nos levar deste universo a outro – ainda que talvez a morte não seja senão uma viagem a outros quadrantes onde ainda cruza a fuga daquela energia que nos mantém vivos. Retomar o caminho a fim de corrigi-lo é o que pensam os sábios índios americanos. Talvez isso seja voltar a um estado pré-neolítico sabendo o que já sabemos. Seria isso um dilema? Não há drama em nascer, crescer, desenvolver o corpo, madurar, envelhecer e talvez morrer. O importante é que possamos viver num estado de permanente celebração. A vida organizada como um ato carnavalesco – e prolongado de ser – é uma maneira inteligente de dissimular a dor. Celebrar nossa estada neste astro rotatório estimula o afeto comunitário. Todos temos que viver ao redor de todos e com todos. Não temos outra opção. A festividade permanente leva ao jogo do ser e este tem um movimento libertador. Por isso, a impulsão festiva, deshierarchical e alegre. E nos momentos de tranquilidade, silêncio e lazer, bom é apreciar a expansão da noite e o nosso crescimento em meio da maturidade de tudo o que habita o planeta. O lar astral que nos brinda e nos faz viver.

8

A beleza é frágil. E isto é outra verdade quase irrefutável. Às orquídeas calipso que crescem margeando os caminhos no bosque temperado levam pelo menos nove anos para regenerarem-se. Isto é um ato heróico de regeneração que se dá dentro do bosque. Sua cor rosa estoura em primavera nas saias dos pinheiros. Mas, se um intruso apalpa seus caules, morrem instantaneamente. Não assim se só se tocam as pétalas. Essa é a beleza da vida: frágil e delicada, como tudo o que passa por nossas mãos. Os seres humanos não somos senão natureza. Pretender o contrário é cair na alienação. É esquecer a beleza. Quando meninos ou meninas pequenos vamos ao zoológico. Essa experiência é parte de um primeiro treinamento: distanciar-nos do resto dos animais.

Todos habitamos este planeta, que nutre e brinda a todas as criaturas viventes. O balanço entre todos e o planeta é frágil e precário como uma orquídea. Não procurar a função da natureza a fim de achar sua utilidade para controlá-la e dominá-la parece ser um desafio crucial. Em contraste, observá-la para apreciá-la é procurar a plenitude. Disso depende nossa existência e a de muitos outros. Por isso, desaprender o primeiro treinamento da infância para poder desfrutar a beleza que há no natural é uma necessidade primordial.

Os seres humanos podemos ser criaturas formosas. Para isso é necessário mudar nossa percepção do real, e ir desde o utilitário à apreciação. Isto é: substituir o instrumental pelo estético. O módulo ideológico que faz

aparente o presente desencadeia a razão tecnológica, mas dele também devém a criação. Heidegger chama de “poiêsis” esta última agitação mental. Mas para substituir a impulsão por dominar, expandir e colonizar – em virtude de dismantelar radicalmente as economias baseadas na concorrência e na comparação – é absolutamente necessário arregalar o olho. Isto é, remodelar a visão a fim de apreciar o dia, a noite, as estações, o mar agitado, a potência dos rios, o canto dos pássaros, o deslocamento dos animais, o bosque, as abelhas, a mulheres, os homens e todas as constelações de peculiaridades que formam outras constelações de peculiaridades e que brotam selvagemmente como orquídeas no bosque.

9

O Estado existe porque se territorializa. Isto é, materializa-se mediante sua expansão colonizadora territorial. Tal expansão se leva a cabo por meio da desterritorialização forçada dos habitantes originários das terras, de que o Estado se foi apropriando. Toda apropriação implica mobilizar a força militar que o Estado possa exercer a fim de ampliar ou manter seu domínio. Isto significou guerras e genocídios. O Estado também tem seus especialistas que escrevem a história. Assim, encobrem fatos, justificam suas atrocidades e obrigam as novas gerações a repetirem as ladainhas sem sentido da narrativa oficial que escrevem os especialistas.

A educação, portanto, não é senão a institucionalização dos campos de adestramento e domesticação onde as crianças e os jovens perpetuam o sistema dominante. Ali aderem à ordem simbólica e começam seu processo de coisificação. Nestes campos – ou escolas de doutrinação social – se reproduz a ideologia que dá legitimidade ao sistema. Os novos membros da sociedade internalizam a falsa consciência que bombeia como um pulmão artificial, a fim de que todos repitam com mais ou menos eficácia o mesmo discurso. Sua ideia é que todos digam, sonhem e pensem que este é o melhor dos mundos possíveis. E que se tem falhas, isso não importa porque dá pra melhorar. Pensar o contrário é militar nas filas do anarquismo, cair na loucura ou chamar a insurreição. A padronização obriga o sujeito a escolher entre a mercantilização ou a esquizofrenia. Não há saída fora deste molde binário. Nesta sociedade preferir o jardim ao cimento é visto com desconfiança. E dependendo de quem ocupe o poder de turno, essa preferência pode custar a vida. Quando o sistema ruge e as cabeças se desprendem do rebanho, surgem com eficiência criminosa os cárceres, os golpes de Estado, os alinhamentos, as bombas lacrimogêneas, as forças repressivas, a guerra etc. Enquanto isso ocorre, o Estado reforça a propaganda radiofônica, televisiva e jornalística. Assim se materializa na mente dos indivíduos.

Os Estados nacionais atualmente congregam seus aparelhos repressivos – policiais e militares – para proteger as companhias multinacionais que expandem um modo de vida de padronização baseado na redução humana a

unidades econômicas de produção e consumo. Com isto se produz um novo tipo de territorialização e escravidão trabalhista. A tecnologia e os bens de que um grupo minoritário da população mundial usufrui são manufaturados em galpões de fábricas que operam com a lógica da exploração. As escolas e as fábricas são centros de controle impostos pelos Estados. Para abolir o Estado temos que abolir as fábricas e as escolas. O autoritarismo que a ordem civilizadora reproduz nestas instituições é o responsável pelos extermínios étnicos, pelos genocídios políticos e pela exploração social. Para construir um mundo sem hierarquias, nem cárceres, nem propaganda, nem golpes militares, devemos varrer o Estado. E depende de nós apagá-lo da face da terra.

10

Qualquer tentativa de padronizar a vida é uma forma de dominação que impõe um modelo alienante sobre nós. A colonização europeia e a transnacionalização norte-americana impõem padrões padronizadores sobre as diferenças e as peculiaridades do planeta e da gente. Cada padrão padronizador é o subproduto do planejamento estatal e empresarial que opera em termos temporais-lineares: a progressão para metas macropadronizadoras que privam de toda liberdade. A colonização impulsionada pelo chamado mundo civilizado anula a peculiaridade da natureza – pessoas, animais, vegetação, solo etc. – e destrói a liberdade da vida. Defender-se contra estas perpetrções é uma vontade vital que requer pensar – com imaginação e audácia – um mundo diferente. Por isso, à falta de centros educacionais, bem-vinda seja a educação personalizada: de um a uma, de uma a um e todos ao mesmo tempo. Se a metade do mundo transfere sua sabedoria à outra metade, não há por que desejar campos autoritários de padronização.

A educação institucional reproduz nas novas gerações a falsa ideia de que este é o melhor dos mundos possíveis, ou ao menos, o sistema que melhor funciona, sem importar suas falências. Assim, o processo de normalização do conhecimento por meio dos textos escritos – em detrimento da oralidade – não é senão o processo de padronização de uma verdadeira percepção do mundo. Em tal sentido, a educação tem uma função ideológica: reproduzir um discurso padronizador estabelecido pelas regras do Estado. Se auto-legítima por meio da coincidência que fabrica entre o poder e o conhecimento. Vale dizer, entre o controle estatal e o campo profissional dos experientes. Por isso, a apropriação de um não existe sem a apropriação de outro e vice-versa. Só quando os grupos humanos vivem organicamente em comunidades e cultivam o alimento necessário a fim de desfrutar do lazer liberador num estado de carnaval permanente e de apreciação estética prolongada a educação formal – assim também como a exploração de noventa por cento da população humana e a destruição do planeta – não serão cabidas na realidade. O fiador da repressão destrutiva é o Estado. E depende de nós desmaterializá-lo.

A noção de raça está vinculada às práticas colonizadoras. O ocidente se construiu sobre a base da distinção entre um nós e um eles. Ou seja, entre o que constitui a etnia própria – que por arte de magia faz devir o padrão padronizador racialmente neutro – e a dos outros: aquilo que se associa aos bárbaros, ou o étnico em terminologia moderna.

Do etnocentrismo derivou a lógica escravizadora, impondo as categorias supremacistas eurocêntricas. O maquiavélico conceito de superioridade racial se perpetuou mediante a equivalência do europeu-caucasiano com o civilizado. Assim, a noção de raça justificou – e justifica – a colonização, que não é senão o domínio etnocêntrico sobre a natureza e outras etnias. A expansão colonial do Ocidente classificou e categorizou o colonizado – grupos de pessoas, animais, plantas, solo etc. – por meio de suas taxonomias técnicas auto-justificadoras. Deste modo se foi impondo a racionalidade científico-instrumental que auto-justifica as práticas colonizadoras e seus modelos universalistas.

O capitalismo mercantil desdobrou os mapas e imprimiu os dicionários, acelerando a marcha da máquina aplanadora. Tal expansão étnica foi a expansão do ego colonizador auto-legitimado nas diversas narrativas históricas com o mote de civilização. Em nome da civilização se construiu a noção de raça. E esta noção é uma consequência direta do mecanismo instrumental do pensamento tecnológico que categoriza a experiência humana e padroniza a realidade.

A noção de humanidade está unida à noção de mundo. Sua origem é religiosa. No Ocidente, por exemplo, Deus criou o homem e depois a mulher. Quando ambos comeram do fruto da árvore do conhecimento, Deus enfurecido os arrojou fora do paraíso, obrigando a humanidade a viver fora do jardim do éden e a procurar incansavelmente um salário e um lar para proteger-se. Essa é a narrativa justificadora da domesticação. Assim, Deus pôs a humanidade no mundo. E assim, também, o mundo europeu foi caracterizado pela presença humana. A essa narrativa se lhe chamou Sagrada Escritura ou Bíblia. Os livros sagrados do Médio Oriente tiveram outros nomes: Alcorão, Talmude ou Torá. Nestas narrativas, a coincidência entre humanidade e mundo foi elaborada sobre a base do conceito do povo eleito: os filhos de Alá ou de Jeová. Esta visão religiosa também se encontra em algumas cosmologias indígenas. Por exemplo, no livro maia Popol Vuh, o Criador põe os homens “de milho” sobre a terra. Deste modo, o triunvirato criação, humanidade e mundo fazem parte de um triângulo discursivo-ideológico e religioso – que explica a vida por meio de fantasias e mitologias fundacionais.

Estas noções entraram em crise com a conquista europeia. Para os conquistadores, a possibilidade de que existissem outros seres humanos em territórios desconhecidos era algo complicado, já que rebatia as doutrinas teológicas e desconstruía a visão oficial imposta pelo clero. Para os indígenas, os barbados de ultramar eram semideuses. Lamentavelmente descobriram sua verdadeira natureza bastante tarde.

Neste contexto de conflitos ideológicos, a ideia de Novo Mundo veio solucionar a crise ideológica europeia, começando de passagem, a longa e triste crise cosmogônica, social e vital dos povos indígenas. A colonização se inicia com as noções de humanidade e de mundo. E estas noções são as que galvanizarão o empuxo da modernidade que – entre outras coisas – humanizou a natureza, enquanto naturalizava o controle ecológico.

13

A colonização não foi senão a expansão do capital e do pensamento tecnológico por meio da cultura da padronização em escala mundial. Esta prática atingiu seu ponto alto com a expansão europeia. Depois, a partir do século XX, desatou todo seu poder destrutivo e conduziu à aparição do imperialismo: fase oligopólica do capitalismo. Não é, no entanto, um fenômeno unido exclusivamente às construções nacionais e étnicas (pelo menos não nesta etapa caracterizada pela chamada globalização). Pela primeira vez na história – que repetimos e recordamos – um grupo de indivíduos controla em escala multinacional uma maquinaria mundial capaz de destruir severamente o planeta e extinguir a vida de muitas criaturas, entre elas, a dos seres humanos. Esta etapa colonizadora tem um impulso monetário cuja base é ideológica. O capital requer padronizar os estilos de vida, os valores culturais, a arquitetura, o idioma, a paisagem, o pensamento etc. Procura, ainda, uniformizar a percepção da realidade, assegurando assim sua permanente expansão. Seu fundamento ideológico, que racionaliza a conquista como índice de crescimento, atribui um valor positivo à impulsão expansionista. Crescer pela razão de crescer, invadir por invadir e expandir-se para sempre é o raciocínio da expansão. É também a lógica do capital, que cresce e se estende até consumir e destruir todos os organismos anfitriões que permitem e amparam a vida no planeta. É, sem dúvidas, a ideologia do câncer, que não se detém até atingir a implacável metástase.

14

No folheto: “Reforma ou revolução?”, escrito no final do século XIX, Rosa Luxemburgo advoga pelo fim do sistema de salários, em contraposição ao programa reformista de Bernstein, centrado na luta sindical a fim de conseguir melhoras salariais por meio de reformas ao sistema. A história das lutas

sociais dos últimos séculos dividiu seus rumos em duas tendências totalitárias: aquelas que privilegiam os fins aos meios – ou vice-versa – impulsionando políticas sectárias ou ingênuas, ou caindo, segundo seja o caso, no fanatismo ou na vacilação. O radical, certamente, é abolir o sistema de salários. Não obstante, frente a uma situação de subsistência e de pressão material, cada vagem – ou centavo – marca uma diferença substancial na sobrevivência cotidiana dos despossuídos. Negar isto àqueles que morrem de fome dia a dia é cair no vanguardismo. É negar a solidariedade.

O capitalismo – empresarial ou estatal – usufruiu desta redução da vida humana ao âmbito do material. Em virtude de melhorar os padrões de vida, estragou-se a qualidade da existência e se destruíram a grande escala os recursos naturais. Nas sociedades dependentes da produção em massa, a noção de um bom padrão de vida funciona como mecanismo de ajuste a fim de compensar a alienação provocada pela vida industrial, ao mesmo tempo que cria a fantasia do consumo. Ser capaz de aceder aos produtos manufaturados – por obreiras e obreiros forçados a uma dependência econômica – é visto como um exercício da liberdade. E claramente esta é uma estratégia de padronização. No modelo atual, o papel dos trabalhadores é fazer parte de uma engrenagem sistêmica que limita as possibilidades de imaginação e escraviza a vida humana por meio da dependência salarial. O salário é uma quantificação do valor que o sistema atribui a cada vida humana. Assim se leva a cabo o processo de mercantilização dos seres humanos. E neste processo, cada indivíduo deve uma sorte de unidade econômica – ou mercadoria – e seu labor é produzir e consumir. Desta forma o sujeito opera como um insumo a mais na parafernália produtiva que a maquinaria social impõe. As diferenças estabelecidas em grupos e classes não só estão em relação ao posto e ao papel atribuído nessa dita parafernália, mas também na capacidade de consumo e aquisição de bens e serviços. Esta ação está destinada a descomprimir a pressão trabalhista, a loucura burocrático-administrativa e as injustiças do processo de venda da força de trabalho. Os ingredientes que garantem esta submissão ao sistema social são dois. Por um lado, a dependência forçada de populações inteiras das empresas produtoras e distribuidoras dos produtos de consumo em massa. Pelo outro, a manutenção de um alto número de pessoas marginalizadas do sistema – trabalhadores temporários e desempregados permanentes - que operam, segundo dizia Marx, como “exército de reserva”. Neste caso, a consecução de um emprego é, às vezes, um privilégio porquanto permite a subsistência. Assim se apaga e se encobre seu caráter escravizador e domesticador. Reforça-se, ademais, o sedentarismo e subjuga a um horário rígido, simbolizado pelo ato de marcar “cartão” ou pelo apito da sereia que anuncia a volta ao trabalho depois da hora de descanso.

Nas línguas românicas a palavra trabalho provém do latim "tripalium": nome dado a um instrumento de tortura usado pelos romanos, que consistia numa armação de "três paus". No mundo anglo-saxão, a palavra "work" prove do escocês "weorc", que em termos teológicos se refere a todas aquelas atividades morais consideradas como uma justificativa da vida. Usualmente,

seu uso contrasta com as noções de destino ou “graça”. Assim, a imposição do trabalho como atividade torturante – ou ação justificadora do pragmatismo moralista e santo – é uma forma de assegurar a domesticação. Por meio do trabalho assalariado se assegura a territorialização de populações inteiras numa zona delimitada pelas instituições autoritárias. Assim, o Estado garante o sedentarismo e o controle social necessários para administrar a produção.

O latim “domus” significa casa, raiz etimológica de domesticação e domiciliação: dois processos que se articulam conjuntamente na medida em que o Estado estende sua presença material para estabelecer seu domínio. Um exemplo claro de territorialização são as reservas indígenas, que emulam abertamente aos campos de concentração ou aos centros de rejeição estatal. Outro exemplo são os guetos. Também existe a repressão contra todos aqueles que estão em movimento permanente: os nômades, os ciganos, os vagabundos etc. Nas atuais circunstâncias, a legalidade dominante não prevê espaço para os “sem-teto”: indigentes que o sistema elimina e desconhece porque alteram o processo de domiciliação. O toque de recolher e o estado de lugar são duas manifestações cruamente repressivas que este processo criou. De fato, junto à domiciliação vem a numeração. Primeiro das casas, depois dos indivíduos: número de telefone, senha cibernética, número de identificação nacional, social ou de afiliação trabalhista etc. Assim é como a ideologia constrói seus métodos de identificação e insere a noção de identidade, ao mesmo tempo que agiliza a mercantilização humana. Cada criatura se converte então num algarismo fácil de ser arquivado, categorizado e coisificado. Os animais domésticos são numerados e devêm artigos de fetiche caseiro. As pessoas se transformam em pura mercadoria de identidade numérica. Seu papel social é mediado pelo mercado, a partir da atribuição de dígitos que classificam cada qual tanto em unidade produtora, consumidora, rentável ou descartável: o salário. Por isso, o sistema de salários e a valoração monetária são inerentes ao sistema. Para desfazer-se de um há que destruir o outro.

A ideologia utilitária que reduz a vida humana ao âmbito do material e econômico é a matriz do sistema. Sua base teórica se firma nas diferentes narrativas elaboradas pela razão instrumental. Sua prática política é a domesticação, que se apoia nos esquadrões de repressão estatal e no corpo legal auto-justificatório. Seu objetivo é a perpetuação da ordem civilizada. Isto falsifica o mundo, promovendo uma percepção da realidade alheia à totalidade e reduzindo a vida humana a cifras artificialmente construídas (p.e. gráficos e estatísticas) Para dismantelar a dita ideologia há que evitar a redução padronizada e fomentar o florescimento das peculiaridades de cada criatura que habita o planeta.

Talvez um primeiro passo seja aprender a apreciar aquilo que se acha fora da ordem civilizada, eludindo o gesto civilizador tantas vezes inculcado no lar e na escola. Talvez seja necessário imaginar uma existência plena de meios e de fins que se intercedem - a dizer de Octavio Paz – num presente “perpétuo”. Talvez não seja tão difícil reconhecer a necessidade do lazer. Talvez a solidariedade seja possível sem ter que eleger a, b, c ou d: base da

lógica cretina da seleção múltipla. A contradição entre revolução ou reforma não é de tudo exata e, certamente, varia de acordo com o estado de presente perpétuo. Um indivíduo é revolucionário somente quando há revolução, o resto do tempo resiste ou provoca. E em nenhum dos casos a solidariedade deve retratar os fins e os meios. Se assim for, quer dizer que tudo o humano – e também o natural – foi reduzido ao âmbito do econômico. Quer dizer também que nada mudou, salvo a gíria que acelera ou diminui a retórica da fricção e que joga ao paredão da morte no muro da guerra ou da luta de classes.

15

O patriarcado se manifesta claramente na interação humana cotidiana. Se um homem tem uma personalidade forte é considerado carismático. Mas se é uma mulher que se destaca, o sistema a marca pejorativamente como mulher macho etc. O patriarcado é uma realidade de opressão e de controle. Reafirma-se com a violação e com a violência física. E existe na medida em que exista categorias de gênero separatistas, cujo miolo ideológico radica na presunção de certas características físicas, psicológicas, sociais, emocionais, intelectuais, morais etc., distinguidas por gênero. Pensar, por exemplo, que as mulheres são em geral de uma forma e que os homens são em geral de outra, pressupõe a existência de perfis humanos determinados categoricamente pelo sexo de cada qual: mulheres de um lado, homens do outro. O patriarcado é, por um lado, o discurso escrito pelos homens para justificar os privilégios masculinos e, pelo outro, uma prática política repressiva. É ideologia e poder. E depende da separação de gênero. De outro modo, todo mundo se degeneraria. Para desmantelá-lo, é necessário recriar outro tipo de discurso que não só degenera a ideologia, senão que também estabeleça uma nova forma de relação política.

A política é uma noção proveniente do conceito de "polis": a antiga cidade grega, germe da civilização ocidental. Sua organização se configura definitivamente com a ideia romana de coisa "pública" (do latim "rês publicus"). Na antiga Roma, os assuntos públicos – ou comuns – estavam nas mãos de um grupo de varões patrícios. São eles os que escreveram cedo a lei que relega as mulheres a um outro espaço, fora do público. Na Grécia, os poetas também foram expulsos desse espaço público. O projeto platônico de "República" não considerava nem os artistas nem os poetas com méritos suficientes para integrar os assuntos de Estado. Certamente, as mulheres estavam relegadas ao domínio. Na realidade, todos foram expulsos de tamanha coisa pública, menos os patrícios. Para justificar a expulsão do estético do âmbito público, Platão repetia insistentemente que "os poetas eram mentirosos", já que não se ajustavam à sua lógica sofista. Da mesma forma, talvez também fossem considerados 'maricas' e sensíveis. Isto é algo que ainda se repete e se pensa em variados círculos, especialmente naqueles unidos ao poder. A infantilização das mulheres, dos poetas e artistas, dos indígenas, das

minorias, das culturas primitivas etc., levou-se a cabo por meio de seu exílio ao chamado “mundo do feminino”. Este se associa pejorativamente ao débil, ao emocional e ao ilógico. Tal noção foi cedo aprendida à força pelos povos colonizados e universalizada depois pelo logos civilizador: o pensamento lógico instrumental. Assim, a “rês” pública coisifica os modos de interação social e intersubjetivos entre os seres humanos e acelera o processo de reificação.

Em castelhano, falar de reses – para se referir ao gado bovino – é falar de coisas. Para o logos, a natureza é uma coisa que se instrumentaliza. O patriarcado instrumentalizou as mulheres, mas também os homens. É, em rigor, uma ramificação ideológica da razão instrumental, porque constrói categorias genéricas entre homens e mulheres para suprimir e controlar.

A peculiaridade desmantela estas categorias. Uma mulher é uma criatura peculiar e única. Um homem é outra criatura peculiar e única. As categorias “mulher” e “homem” tendem a anular essa peculiaridade, ao mesmo tempo que geram o separatismo. Talvez a única política possível que anule as formas de inter-relação social e intersubjetiva hierárquicas seja através do carnaval. Este é um festival onde todas as pétalas das peculiaridades humanas se desdobram sem bases sistêmicas, salvo os que ordene a própria natureza. E deve-se praticar todos os dias. Todos temos um lugar no jardim do planeta: homens e mulheres, meninos e meninas, anciãos e anciãs. Nossas diferenças biológicas ou preferências amorosas não devem ser motivo algum para que alguém fique de fora do horto planetário. A distinção entre o privado e o público foi construída artificialmente para garantir o funcionamento repressivo do controle patriarcal. Abolir tal distinção significa abolir também as noções genéricas que marcaram o início desta civilização.

16

A divisão do trabalho não é em si a noção que produziu o pensamento tecnológico-instrumental. Foi um tipo de divisão do trabalho, organizada de forma tal que uns começaram a usufruir da força trabalhista de outros e de outras. A divisão do trabalho não é senão uma prática. Pelo contrário, a razão instrumental é produto de uma prática de controle que gera formas de divisão trabalhista sofisticadas, postas em cena nas sociedades de produção em massa onde se cristaliza a padronização do mundo: as cidades. Em comunidades construídas a escala humana – com relações sociais diretas e pessoais, cara-a-cara – as práticas de controle instrumental não têm cabimento. Mas sim cabem as práticas de convivência mútua. Assim, por exemplo, enquanto alguém cozinha, outro prepara os arbustos para cultivar as hortaliças. Ou lavra a terra da era, onde se criará o jardim. Outros reúnem a lenha para o fogo ou recolhem os alimentos do pomar. Enquanto uma mulher pare uma criança, outros ajudam com água e cuidados. Enquanto uns têm mais energia, os outros caminham lentos, como os anciãos. Assim é o curso da vida e o

movimento orgânico da natureza: divide-se em estações, dias e noites. Há uma temporalidade pendular. A divisão do trabalho pode ser o comportamento orgânico das atividades sociais, em vez de uma imposição salarial que condiciona a vida. Numa comunidade construída a escala humana é impossível fazer de tudo. A ubiquidade nos foi negada. Quando todos fizerem de tudo, simultaneamente, ou com ritmos paralelos, sem especializar-se, será possível viver num presente perpétuo. Só assim se transgride a noção linear do tempo planejado. Quando nossa existência conseguir se expressar na forma verbal do presente progressivo: estaremos vivendo no aqui e agora. Isso implicará abrir os grilhões da padronização.

O carnaval é um “você deve viver”: recorda-nos de que há que viver e celebrar a viagem da vida com dignidade, integridade, solidariedade, amor e ternura. É também uma prática, que pode transformar-se na política do bem comum.

17

A arte opera como uma apropriação simbólica da realidade. Ao representar a realidade ou mediar nossa relação com o mundo – através de um objeto ou um produto de arte-simbólica – se reforça o processo de reificação. A arte é uma representação que substitui a realidade. É, portanto, uma forma de mediação das relações sociais e intersubjetivas. Tal mediação se produz por meio de uma razão cognitiva que filtra os modos de apreciação da realidade. Ao interiorizar a realidade, o sujeito a internaliza. Isto é uma apropriação, que ocorre colando a realidade por meio de um filtro funcional e utilitário. Os códigos do filtro são os códigos da racionalidade instrumental, que projeta a expansão da interioridade do sujeito sobre a exterioridade do mundo. Isto desenvolve os mecanismos cognitivos de apropriação, categorização e controle do outro: o sempre desconhecido e pouco familiar. Estes mecanismos são produto do temor que infunde a exterioridade. Por isso, a projeção da interioridade sobre o mundo exterior, se produz com um afã expansivo e colonizador que projeta o ego sobre o outro: o mundo externo (a natureza) e as criaturas que o habitam (os seres humanos, os animais, as plantas e o solo). A projeção expansiva do eu sobre a natureza acelera o processo de reificação desta.

Kant se extasiava frente ao espetáculo majestoso da natureza. Esta emoção lhe produzia uma espécie de agitação “mental”, cuja experiência chamou “sublime”. Mas tal emoção também é uma vivência do temor que se sublima pela arte: a petrificação do espetáculo natural do mundo. Quando a arte é uma instituição ou um mero objeto – simbólico e separado da vida – se converte num símbolo do processo de reificação. A sofisticada meta arte não é senão um símbolo do símbolo, ou uma reificação da reificação. Este processo agudiza o mecanismo ideológico de coisificação do próprio sujeito, que, ao se mercantilizar, se aliena da realidade e perde a perspectiva.

Substituir a razão instrumental pela razão estética não significa

substituir os mecanismos de coisificação. A coisificação na arte existe porque a arte simboliza aquilo que tirou à vida: a experiência da beleza. A arte e a vida foram divididas em dois planos paralelos, sem interconexão real entre si. Isto faz com que a arte seja a instituição do sublime, enquanto a vida é a praxe da escravatura. A arte foi a válvula de escape da alienação. Tradicionalmente albergou a todos aqueles valores e energias alienados da vida, permitindo manter ao longo da história ‘a ilusão de humanidade’. A separação entre a arte e a realidade fez com que ambos planos de experiência sejam vividos como esferas isoladas, sem espírito, nem emoção. A arte se petrifica nos museus, nas galerias, nos salões e nas bibliotecas, enquanto a existência decorre ao ritmo do relógio que subjuga o trabalho assalariado. Ali a beleza se suprime, o jogo se domestica, o lazer se escraviza e a peculiaridade se uniformiza. A arte é um espelho negativo da realidade, que compensa as misérias da vida com a ilusão da liberdade. Remover a arte da esfera da instituição significa viver a arte na vida e vice-versa. Significa destruir a alienação que implica a distinção entre o artístico e intelectual e o bruto e manual. Significa embelezar a vida e vivificar a arte, mas ambos como um tudo unitário e orgânico. Significa também criar uma humanidade de artistas, humanizando aos artistas que já o são.

18

Os militantes de todas as épocas se perguntaram como será a revolução e o que daí sucederá depois de que aconteça. Talvez esse futuro – mediato ou imediato – não seja tão sangrento nem impávido como alguns profetas o visualizaram. Talvez seja calmo como um ribeiro fresco e fértil como uma várzea. Talvez seja como um jardim cultivado com paciência e mãos que distingam a peculiaridade de cada cepa.

O jardim das peculiaridades se manifesta naquilo que alguns confundem com a identidade. A identidade se conforma de modo refletivo e reativo em relação a modelos que integram as categorias identificadas como dominantes. Ditas categorias fazem parte de um mapa: o eixo Sul-Norte, América Latina, África, Primeiro Mundo etc. São as categorias simbólicas da ordem civilizadora. Pelo mesmo, ditas categorias são construídas de acordo com padrões estruturais. Assim funciona a padronização. A identidade então reflete uma série de outras identidades que se erigem como paradigmas, mas que na prática são impostas ao sujeito sem prévio aviso: nacionalidade, raça, classe, sexualidade, ideologia, idioma, papai, mamãe etc. Essas noções – que geralmente se dão por assentadas e que o indivíduo aprende quase por osmose – são as etiquetas da padronização.

A identidade é identificar-se com algo, fazer-se idêntico, já seja a um tipo, um modelo, uma norma, um padrão, um nível ou uma referência. A padronização ajusta ao modelo, qualifica. A peculiaridade, ao contrário,

vasculha nessas zonas subjetivas que situam ao sujeito como um tudo que habita a totalidade e se relaciona com outros sujeitos em tantas outras peculiaridades. A noção de peculiaridade desmantela a estrutura de poder, que promove a homogeneização e o autoritarismo, porque não cabe nem na ordem hierárquica nem na doença da concorrência. O sujeito é capaz de se relacionar com todas as outras criaturas da órbita sem necessidade de padronizar ninguém. Reconhecer a peculiaridade de outras criaturas permite a coexistência. Isto desvanece o módulo mental aplacado pela máscara de ferro da razão instrumental. Se se observa cuidadosamente a peculiaridade do outro, o sujeito não leva a cabo o processo de outrocização, porque a ele se revela o entendimento de que esse outro é tão peculiar como o eu mesmo, que constitui o sujeito e a totalidade. Reconhecer que esse outro não é senão um eu, um outro peculiar que também existe no mundo, libera.

Através da “outrocização” se coisifica “o outro” – ou a “outra” – e o meio-ambiente. Este mecanismo de reificação fragmenta o sujeito interno, arrancado da totalidade desde seu nascimento. Quando o ser e o tudo conformam uma totalidade, a coisificação desaparece. Então o sujeito – que constitui a peculiaridade de um ser – aprende a magia da apreciação artística. Isto substitui o módulo da razão instrumental e propõe um novo desafio: a razão estética.

O anterior não nega a necessidade de criar blocos de identificação a fim de resistir à penetração cultural, econômica e militar da ordem civilizadora. De fato existem - do ponto de vista político – as identidades subalternas e os movimentos libertários. Um exemplo claro são os movimentos das minorias étnicas no Primeiro Mundo, o movimento indígena na América Latina, os movimentos pela liberdade das opções sexuais, o movimento feminista, o movimento obreiro, os movimentos independentistas e anti neocoloniais, a resistência urbana anarquista, o movimento dos okupas, os movimentos contra a globalização neoliberal, o movimento ecologista e verde, as organizações de direitos humanos, os movimentos artísticos, os movimentos rebeldes etc. Ou seja, a problematização da identidade como noção é discutível a partir do ponto de vista dos movimentos anti-autoritários que exercem resistência ao processo de padronização. Não obstante, de um ponto de vista também político, é preferível entender esses movimentos como constelações de peculiaridades que habitam o jardim da realidade e resistem aos embates da niveladora instrumental. A máquina ideológica da padronização uniformiza com seus motes de identificação. Quando o jardim se deshierarquiza, cada aroma, cada cor, cada forma, cada gosto e cada murmúrio criam a paisagem cuja pulsão – única e irrepetível – abre as portas à apreciação da beleza. Isto substitui o módulo da razão instrumental por uma visão estética que desbanca em forma radical a lógica funcional e utilitária do sistema. É o primeiro passo para a peculiarização da órbita. E não só abre os pontos e desliga o cérebro humano da máquina da ideologia, como também rompe as vitrinas de todas as correntes comerciais, nega a autoridade e grita com voz clara: Já basta!

O “instrumentum” é um dispositivo mental que modula o pensamento tecnológico. Opera como ferramenta e faz possíveis os mecanismos da operação técnica. Em grego, a palavra “tecnê” tem um duplo significado: manufaturação e revelação. Esta última é a capacidade de fazer aparente o presente. Para Heidegger, a “tecnê” deriva num duplo sentido: para a tecnologia ou para a “poiêsis¹”. A arte também faz aparente o presente, mas sem a lógica instrumental da eficiência nem a ideologia econômica da concorrência e a comparação, cujo eixo as transações constituem.

Quando a arte for removida da esfera institucional para ser (re)instalada na praxe da vida não haverá mais separação entre a arte e a vida. Claramente, a vida se deve viver como se fosse uma obra de arte. E a arte se deve experimentar na vida: não nos salões, nem nas bibliotecas, nem nos museus, nem nas casas mortas. Quando a arte se experimenta na vida – e vice-versa – se evita o surgimento de mercados sui generis, promotores dos processos de produção de arte em massa por meios mecânicos. A arte se realiza de forma artesanal e implica uma apreciação estética genuína. Esta apreciação não é senão a manifestação de um módulo mental diferente da instrumentalização que, em certa medida, ainda pode ressuscitar a ilusão de humanidade. Por isso a razão estética pode ser uma esperança. De outro modo, todos os caminhos conduzem à destruição total. Sejam as auto-estradas da razão instrumental ou a caverna pré-histórica (que deu origem à arte simbólica e à representação da realidade). Evitar a coisificação é desejar a vida. A representação da realidade – como mediação entre a natureza e a consciência – produz um efeito coisificador. A reificação total ocorre quando essa representação substitui a realidade. Assim se inicia uma escalada coisificadora infinita, que só se detém com a morte.

A arte simbólica transformou a prática estética artesanal num fetiche, separando águas entre a “poiêsis” (que é o ato de criação da aparência do presente) e a vida (onde se expressa o ato criador) Ao manter a arte e a vida em esferas distintas, o pensamento instrumental despoja a vida de certos valores básicos tais como a solidariedade, a integridade, a dignidade, a ternura, etc. De fato, às vezes só é possível achar tais valores na arte ou na praxe vital não alienada, o que fragmenta a vida humana de modo radical e senta as bases para a produção do mercado artístico lucrativo. Com isto se auto-justifica a alienação da vida humana moderna e se desnaturaliza tudo o que vem da natureza; naturalizando – como contrapartida – o tubo da alienação.

1 Poiêsis é uma palavra de origem grega que significou inicialmente criação, ação, confecção, fabricação e depois terminou por significar arte da poesia e faculdade poética.

Para desterritorializar o Estado há que se opor ao militarismo e à sua base ideológica: a ideia de estado-nação. Se fosse possível suprimir o imaginário das comunidades imaginadas, existentes nos diversos projetos de construção nacional, a comunidade se transformaria num grupo real de pessoas com rostos e nomes identificáveis. Sua interação diária seria a escala humana e a comunidade seria verdadeira. Assim se desterritorializa o Estado.

À ideia de estado-nação une-se a noção de raça: fundamento da xenofobia e do racismo. O Estado nunca deixou de ser um instrumento classista e racista de controle e opressão. Sua territorialização ocorre mediante o movimento de tropas e o despregue militar. Para desmaterializar o Estado há que dismantelar o militarismo e o armamentismo. O Estado opera como se fosse um grande galpão nacional, que investe em terrenos de ensaio bélico: as guerras. Com a desmaterialização do Estado se desterritorializa a nação e as fronteiras limítrofes perdem realidade, tornando-se o que são: limites artificiais construídos pelos predicadores de todo tipo de nacionalismos e regionalismos, responsáveis dos vínculos políticos impostos pelo Estado aos sujeitos. O nacionalismo tenta subjugar-nos sob as práticas sedentárias derivadas tanto do controle urbano como da economia territorial agropecuária. O efeito dessas práticas é a domiciliação, que traz aparelhada a ação domesticadora do Estado. Não obstante, quando o dispositivo que promove o conceito de território nacional se dissolve, um dos mecanismos da padronização também deixa de funcionar. Deslocar-se livremente de uma zona a outra – de comunidade a comunidade – sem ser controlado pelos sistemas aduaneiros nem pelas intendências policiais implica que a liberdade se corporalize numa prática cotidiana. O movimento constante é uma força incontrolável. Seu caráter libertário radica em sua capacidade de abolição do sedentarismo e da domiciliação, desbaratando todo controle estatal. Deslocar-se é desdomesticar. Ir de um lugar a outro, conhecer gente, aprender seus idiomas e entender outras visões de mundo, é uma praxe libertária. Dita praxe agudiza a peculiaridade.

O fascismo é fomentado pelo nacionalismo: sentimento de propriedade nacional que as classes possuidoras e endinheiradas exacerbam. Esse sentimento é transferido aos despossuídos e pobres da cidade por meio dos mecanismos de propaganda e doutrinação cívico, oficial e nacional. Algumas pessoas, por exemplo, repetem discursos – que publicam a ideologia – na primeira pessoa plural. Conjugam-se o verbo na forma do nós, promovendo o controle idiomático e reforçando as identificações entre pátria, bandeira, governo e gente. Dizer por exemplo: “temos um parque, uma cordilheira, uma boa equipe ou uma economia estável” implica um grau linguístico de aceitação de certa identidade coletiva nacional atribuída e/ou imposta. Este é o nós da realeza, adaptado aos tempos modernos para fazer a gente pensar que o governo e suas instituições financeiras representam o indivíduo comum.

A gente fala das ações do governo como se tivesse tido alguma participação nas decisões governamentais ou na repressão militar. Esta é a alienação nacionalista que facilita a aparição do fascismo. O doutrinamento se reproduz através das escolas, do esporte, dos valores tradicionais, das regras, das narrativas oficiais e dos meios de controle. A propaganda se aviva através das telas luminosas (p.e. a televisão, o cinema, a informática etc.), dos meios impressos, do rádio, da educação etc. O fascismo se cristaliza na noção de nação. Por isso, toda identidade comunitária atribuída e/ou imposta tende a reforçar ditas noções: nacionalidade, regionalismos, idioma, papel social, colegiados, crenças religiosas, clãs familiares, irmandades, relações de trabalho, ofício ou profissão etc.

A comunidade real não transita pelo caminho destas aplicações identificáveis. A comunidade real tem a ver com o companheirismo e a amizade. E não é difícil imaginá-la. Constituem-na todos aqueles familiares, amigos e amigas que vemos diariamente e com quem nos preferimos relacionar e desfrutar cada dia. Ali se vivencia a solidariedade cotidiana e se nega presença do Estado. Ali há reconhecimento mútuo e respeito até a morte. Ali também se desterritorializam as fronteiras e se baixam com bravura as torpes bandeiras da xenofobia.

21

A única taxonomia possível são as drogas. Há dois tipos de drogas: químicas e naturais. As primeiras dependem da produção industrial em massa. As outras são parte da natureza. E se cultivam, recolhem ou encontram em campo aberto (prados, montanhas ou deserto). O uso das drogas naturais remonta a uma época de sabedoria ancestral, em que se praticava a medicina natural e holística. O uso das drogas químicas, por outro lado, se massificou com a revolução industrial e com a ascensão dos médicos ao poder. Esse foi o começo da tirania dos homens de avental branco. As drogas químicas controlam a paciência, o ritmo e a paixão. Seu objetivo é que o sujeito disfuncional se readeque ao sistema para que siga produzindo submissamente. Mas se os sacerdotes de avental branco falham em sua tentativa e perdem o controle sobre o paciente, acabam descartando-os aos centros ideológicos de reclusão social: os manicômios, os asilos, os albergues de caridade, os lares de anciãos etc. Estes centros são as lixeiras para o enfermo terminal.

As drogas químicas legais – que o Estado administra por meio de seus Ministérios da Saúde – têm suas pares gêmeas: as drogas químicas ilegais. Além de ser um grande negócio lucrativo, estas permitem ao Estado justificar a repressão em zonas consideradas fora de controle: os guetos urbanos, as barricadas marginais ou a selva guerrilheira. Em outros casos, as drogas ilegais também são usadas como pretexto quando a justiça e seus guardas pretorianos perseguem aqueles indivíduos subversores da ordem imposta. Justamente é sua ilegalidade que gera o lucro e racionaliza o autoritarismo.

As drogas naturais, por outro lado, liberam porque permitem ver na escuridão da alienação. Ajudam o corpo. São biodegradáveis e fontes energéticas. A planta de cânhamo, por exemplo, atenta contra as indústrias que exercem o controle ideológico e energético. A indústria farmacológica impõe uma visão de realidade. Depois, as indústrias petroleira, mineira e florestal – o triunvirato da sociedade de produção e consumo em massa – levam a cabo a concretização material dessa visão de realidade. As drogas naturais, pelo contrário, curam. Enquanto qualquer alteração da consciência nas sociedades altamente alienadas permite um escape para a apreciação da natureza, nas sociedades primitivas – não alienadas nem alienantes – as drogas naturais são uma ratificação de que a realidade não é linear nem se manifesta num só plano. Efetivamente, através das drogas naturais os povos primitivos experimentaram o caráter múltiplo da realidade. Bem como a terra não é plana, a realidade não é uma. Pelo contrário, está povoada com tantos vincos e multiplicidades quanto peculiaridades tenha a natureza. Os surrealistas assinalaram que o mundo dos sonhos também era parte da realidade, tal como é a percepção do mundo em vigília. A possibilidade de que haja outros mundos, sem a lógica linear tridimensional, foi provada pela psicodelia. Os doutores e especialistas – que trabalham para a sociedade de produção e consumo em massa – chamam de escapismo qualquer alteração da consciência produzida pelas drogas naturais. Quando o escape para a apreciação da natureza gera força energética, os doutores e os experientes deixam seu trabalho nas mãos do exército ou da polícia. Essa é a chamada guerra contra as drogas.

As drogas naturais são altamente subversivas. Cada folha e talho que libera e alivia já existe previamente no jardim planetário. Da mesma forma, não há necessidade de manufaturá-las. É fato que a sabedoria ancestral está relacionada à medicina natural. Muitas mulheres foram acusadas de bruxas – pelos médicos e especialistas da época – e queimadas vivas nas fogueiras da Inquisição católica, protestante e patriarcal. Eis a civilização.

Comer, fumar, ferver e ingerir as drogas naturais são atos de convivência solidária. Sua ocorrência depende dos níveis de saúde das pessoas. Quando o ritmo da vida está controlado pelo tique taque automático da máquina padronizadora, os níveis de saúde diminuem. A alienação e a ideologia são uma doença. As drogas naturais limpam o jardim e lavram a terra. Cada vez que se ingerem drogas naturais – orgânicas como nós mesmos – nos recuperamos das doenças biológicas e sociais que produzem a alienação e a ideologia. A humanidade precisa se recuperar do trauma da civilização. Para Chellis Glendinning, a civilização é um estado do qual há que se melhorar. O trauma do primeiro dia de escola, o nervosismo causado pelas ameaças de expulsão do colégio, as dores de estômago, os castigos irracionais ou o impacto da repressão institucional contra a manifestação libertária do ser que quer fugir da alienação e da ideologia são a consequência de uma experiência traumática que tratamos de ignorar a cada dia. A civilização é o fundamento do treinamento forçado para privilegiar o simbólico sobre o imaginário e assim

domar o estado de 'selvageria' natural que nos habita.

As drogas naturais desdobram as pétalas da imaginação. E esse talvez seja o efeito que produzimos nós toda vez que interagimos organicamente com o meio e ampliamos nosso universo para o que ainda não sonhamos, mas que ainda podemos imaginar. Nossa presença tem um efeito alucinógeno. Somos, efetivamente, uma droga poderosa que pode iluminar tudo que imaginemos. E uma vez liberados, não há droga química, nem tela, nem exército que possa deter o efeito sedutor e opiáceo que provoca nossa aparição. Para construir um novo mundo temos que o imaginar. E para imaginá-lo temos que nos liberar. Essa libertação implica a criação de uma nova humanidade. Eis a importância das drogas naturais.

22

O impacto da vida humana sobre o planeta e o resto das criaturas viventes tem um caráter inelutável. As consequências de cada vida são inevitáveis: caminhamos e destruímos. O efeito destruidor que produz nossa existência se amplifica através da razão instrumental. Esta não é senão um módulo mental que opera como ideologia ofuscante: não permite ver nem sentir nem entender. Uma vez apanhada por esta armação, a consciência se enrosca como um tecido duro coisificado. Para sensibilizar-se, há que explorar no estético. A arte e a poesia ajudam a ver no meio da alienação. Abolir a razão instrumental não significa abolir os pensamentos lógicos e analógicos, nem muito menos a inteligência, nem a capacidade prática. A analogia e a lógica convivem na natureza e na mente humana como um todo inseparável. Associar, por exemplo, o chiado dos grilos ao ronronar da natureza, como se esta fosse um gato feliz e satisfeito, é parte do pensamento estético. A analogia se manifesta através dos procedimentos lógicos, intelectuais e linguísticos, mas sua aproximação é estética antes de ser instrumental. Privilegia a apreciação do mundo natural e sua beleza em vez da funcionalidade que se possa extrair da natureza. Para abolir a razão instrumental precisamos desalienar e desaprender o treinamento ideológico e social. Dito desafio radica na desarticulação das ferramentas que o permitem: a linguagem que constitui ao sujeito.

Sem linguagem, a noção de sujeito se desvanece. As razões instrumentais, estética e ética –divididas em esferas à parte entre a economia e a política, a arte e a poesia, a ética e a religião – permitiram a aparição da linguagem. A razão instrumental se apoderou da linguagem, gerando formas de exploração humana e natural que a civilização impulsionou por meio de um sofisticado sistema de divisão trabalhista. Os antropólogos crêem que esse momento foi o começo da história, da agricultura e do sedentarismo. Talvez também foi o início do lento processo de objetivação do sujeito e da aceleração do movimento expansivo da civilização, racionalizado por meio da noção de progresso. A máxima socrática: “conhece-te a ti mesmo” obrigou o sujeito a

reificar-se filosoficamente a fim de se transformar em seu próprio objeto de estudo. De passagem, isto significou a dissecação e separação do sujeito da realidade, convertendo-se numa entidade à parte, diferente e estranha do todo que forma a natureza.

23

John Zerzan propõe que a linguagem se apropria da realidade para depois substituí-la. De acordo com o pensamento anarco-primitivista, a divisão de trabalho produz uma sequência reificadora que termina construindo o simbólico. Para Zerzan, o simbólico não só substitui a realidade como também a substitui. Esta substituição é uma forma de alienação e constitui o princípio da civilização, no qual a razão instrumental amplifica os mecanismos de controle da linguagem, padronizando absolutamente tudo e recusando completamente qualquer peculiaridade. Assim, a realidade se transforma num conjunto de objetos, onde o sujeito é um objeto mais que ocupa o espaço de uma categoria.

A civilização e a alienação são então dois tumores da mesma natureza que é necessário arrancar.

24

Em 1987, J. A. Lagos Nilsson publicou em Buenos Aires o manifesto anarquista “Contracultura e provocação”, em oposição aos batidos termos cultura e civilização utilizados pelas ditaduras do cone sul para auto-justificar e racionalizar suas práticas genocidas. Para Lagos Nilsson o mundo cultural é um modelo, um padrão, um marco ou uma referência: é o que padroniza. Assim, a cultura padronizada e a civilização são o produto da expansão da razão instrumental, que psicologicamente se manifesta como projeção do ego sobre a natureza. A alienação produz o estranhamento do sujeito no mundo, que se volta estranho ao externo e a si mesmo. Essa é a doença transmitida no tubo da ideologia. E, nesse redemoinho, só a arte e a poesia liberam e desalienam. Dito ato liberador tem suas raízes na contracultura, que não é senão uma forma de provocação significativa. Por óbvias razões, a contracultura nega a cultura oficial e advoga pelo direito à peculiaridade. Evidentemente, a contracultura não pactua nem convive com o poder, ainda que este trate de cooptá-la. Se o consegue, a contracultura torna-se um puro fetiche de consumo, ou um artigo de museu que o poder pendura na lapela de sua jaqueta como se fosse uma medalha de guerra.

O poder se perpetua através do exercício repressivo e da doença da alienação. Conquanto esta seja uma prática do simbólico, não é necessariamente expressão da cultura simbólica. A diferença entre o simbólico e a cultura simbólica permite distinguir entre a representação e a substituição

reificadora da realidade e a manifestação estética do ser. Confundir civilização com cultura significa misturar duas manifestações equidistantes. A civilização é a projeção da razão instrumental. Sua expressão sublime são as cidades que, legitimadas como segunda natureza, organizam o processo de treinamento ideológico e social nos modernos campos de concentração subliminais. A cultura, em mudança, quando emana do sujeito é uma forma de ser, ou uma contracultura. A cultura se auto-regula por meio da interação do ser. Pelo contrário, na civilização, cujo tabuleiro de interação é o mercado, não existem verdadeiros mecanismos auto-regulatórios, já que sua base de apoio é a utilidade, o ganho ou o lucro. A civilização é, por tanto, unidimensional. Ao invés disso, a cultura é múltipla, peculiar e multifacetada. O que orienta as formas de manifestação cultural é o ser. O fazer se relaciona à manipulação e à produção. E ainda que também possa ser um ato de criação, está profundamente unido à operatividade instrumental. O ser e a criação entrecruzam a fibra da cultura. Em rigor, todos temos cultura, isto é, uma forma de ser. E conquanto a cultura mediatize nossa experiência, nosso ser é cultural.

A luta dos povos originários na América Latina não é senão a luta pela defesa de suas culturas contra a penetração da máquina civilizadora e a cultura padronizada. A cultura de um povo é a manifestação estética de seu ser comunitário. Essa é sua cultura simbólica.

Os Neandertal, desaparecidos faz aproximadamente uns trinta mil anos, poliram figuras de pedra e construíram flautas talhadas em ossos de ursos, capazes de tocar até três notas musicais: do, re, mi. Também contaram com uma forma de comunicação e com atividades espirituais e artísticas. A cultura simbólica não necessariamente conduz a uma auto-estrada civilizadora sem saída. Os maias, por exemplo, abandonaram suas cidades sem explicação alguma. É provável que tenham entendido em algum momento que sua civilização era insustentável, ainda que não haja provas concretas disso. É possível, também, que tenham tido consciência plena de que sua tecnologia se desenvolveria de um modo tão drástico que não teriam sido capazes de retribuir à terra tudo quanto lhe tiverem extirpado. Esta cosmologia da retribuição ainda faz parte da cultura simbólica atual maia, cujo entendimento da natureza ultrapassa com distância às cosmologias modernas ocidentais.

Ao contrário da cultura maia, a civilização ocidental e suas réplicas não provocaram senão a destruição acelerada da natureza. Quando Marcuse propõe que a história nega a natureza, refere-se à cultura civilizadora - à padronização - e não à cultura humana como expressão do ser. A manifestação do ser é estética e cultural. Essa manifestação se radicaliza quando se torna expressão peculiar do ser. Por isso, negar a uma pessoa sua forma de ser, é colonizá-la. Dita prática reproduz a impulsão expansiva da civilização, que não é senão a destruição da natureza e dos seres humanos. A civilização, portanto, coloniza a cultura e a domestica, fazendo-lhe uma categoria regular: a cultura oficial. Desconhecer que cada criatura no planeta tem uma forma de ser: cada gato, cada ave, cada planta, cada flor, nós mesmos, é negar a peculiaridade da natureza. Negar a cultura é padronizar. Os

seres humanos temos diferentes formas de ser. Cada qual vê o mundo, sente-o e o aprecia culturalmente. Cada cultura é peculiar. As constelações de peculiaridades são formas culturais que devêm nas idiossincrasias dos sujeitos.

Os genocídios e ecocídios no norte e sul do continente americano tiveram uma linha diretriz: negar a cultura indígena. A cultura, portanto, se contrapõe à civilização. Não são sinônimos, mas territórios diferentes. A civilização implica padronização; a cultura, peculiaridade.

25

A linguagem cumpre uma dupla função: padroniza e impõe significados, mas também libera. Através da linguagem o sujeito resiste à objetivação que produz a razão instrumental mediante suas práticas padronizadoras: as categorias ideológicas, o monocultivo industrial, a pecuária etc.

A conversa desaliena e congrega, desmantelando as políticas sistêmicas que tendem ao isolamento individual. A padronização, pelo contrário, cretiniza. Para isso simplifica a linguagem, reduzindo a capacidade de reconhecer a realidade. Esta simplificação se origina na novilíngua orwelliana, que reduz a consciência e atrofia a imaginação. O sujeito não é a consciência em si, como também a linguagem não é a comunicação. Se confiamos nos resultados da ciência, é possível estabelecer que a escrita apareceu faz 60 mil anos ou, inclusive, mais. As marcas calcárias deixadas pelos aborígenes australianos nas rochas é prova disso. Obviamente não é a escrita ocidental, mas, sim, são inscrições gráficas significativas. É provável também que a linguagem sempre tenha acompanhado os seres humanos, seja como uma forma de verbalização gutural, que pouco a pouco foi se articulando com maior clareza, ou como simples comunicação gestual. Há textos antropológicos que sustentam que a linguagem e o pensamento simbólico existiram por um milhão de anos. As ferramentas de pedra cuja data se remonta a dois milhões e meio de anos, evidenciam a existência de mecanismos racionais que não só se relacionam ao simbólico, como também à evolução biológica bípede, ao uso do polegar e à organização grupal. Marcel Griaule assinala que para os membros do povo africano Dogon, habitantes de Mali, a primeira palavra enunciada pelos seres humanos foi o “respiro”. Isto sugere que a origem da linguagem não foi a articulação, mas a respiração mesma. Efetivamente, a peculiaridade do falar se caracteriza pelo biorritmo inalante e exalante de cada corpo. A fala é própria e única como o acento que cada um tem em sua própria língua.

O sujeito organiza sua personalidade estruturalmente. Assim anula a consciência, ainda que também a possa amplificar por meio da linguagem. Da mesma forma, criar consciência significa nos dar conta de nossa existência no cosmos: a totalidade. Através da consciência criamos o mundo. Isto é, assinalamos e pontuamos eventos ou problemáticas que de outro modo se manteriam na escuridão ou no silêncio. Pelo contrário, a alienação cega,

forçando os indivíduos a seguirem um percurso com lentes ou a se fecharem em seus cubículos. A linguagem é, portanto, uma ferramenta de adestramento, mas também é uma arma de libertação. Nas atuais condições de domesticação humana, animal e ecológica, a separação alienante do sujeito da totalidade se vê como um processo irreversível. Voltar a um estado primitivo anterior à linguagem articulada implica desaprender os idiomas (questão que é praticamente impossível, a não ser que se elimine toda a população humana da face do planeta) Abolir a noção de linguagem sem um genocídio exaustivo de toda a humanidade é uma tarefa irrealizável e sinistra. Não há garantias de que o aspecto instrumental do pensamento simbólico não volte a aparecer em algum momento do desenvolvimento da vida. E que com isso surjam novamente formas de alienação e de domínio funcional da natureza e de controle normalizador dos seres humanos. Esperar, por tanto, utopicamente a construção sintética de uma ordem comunista primitiva – baseada na coleta e na caça, que por extensão garanta a sobrevivência só aos mais fortes e substitua a linguagem por formas telepáticas de comunicação – também parece longínquo.

A vida perdeu seu valor mesmo mediante o controle simbólico da razão instrumental. Nas sociedades alienantes e alienadas, só a arte e a poesia podem devolver à vida seu valor original, já que a esfera estética foi separada do âmbito do vital. Esta separação não é senão uma estratégia de compensação do que se perdeu. Para que a arte devolva à vida seu valor, é necessário destruir essa linha divisória entre a criação simbólica e a existência, misturando vida e estética num só ciclo. Assim, combater o simbólico com o simbólico implica uma contradição, mas também uma possibilidade de emancipação ideológica e de abolição da razão instrumental. Orientar as atividades humanas em torno da razão estética pode corrigir o curso da vida sobre o planeta e salvar muitas criaturas – e a nós mesmos – da extinção total.

26

O esloveno Slavoj Zizek assinala que cada projeto ecológico orientado a mudar a tecnologia para melhorar o estado de nosso ambiente natural se deslegitima a si mesmo, porquanto cada iniciativa deste tipo confia na mesma fonte do problema: o modo tecnológico de nos relacionarmos com todas as outras entidades a nosso redor. Esta é a mesma contradição que se repete ao combater o simbólico com o simbólico: a escritura, o pensamento articulado, a linguagem. Ambas as contradições, no entanto, são falsas, porque operam como armadilhas sistêmicas que promovem a inércia: o silêncio num caso, a complacência no outro. Certamente, os efeitos da vida humana sobre o planeta são inelutáveis: caminhamos e destruimos, respiramos e aniquilamos. Esse impacto destruidor se amplifica através da razão instrumental: o modo tecnológico de nos relacionar-nos com todas as outras entidades a nosso redor. E se multiplica por meio dos mecanismos de produção em massa e de reprodução mecanizantes. A razão instrumental é, portanto, uma ideologia

funcional e ofuscante, que arranca o estético à vida em virtude de impor um projeto civilizador sobre o planeta. Este projeto media a vida social, humana e animal por meio da domesticação. A razão instrumental é um amansamento ideológico que letargia, acomoda, apaga a imaginação e atrofia os sentidos. Quando o animal arisco é domado, deixa de ser animal e se transforma num ser doméstico: a mascote. Estar domesticado e dominado é estar enclausurado ao domo: repetição arquitetônica que padroniza a paisagem. O domo dos animais xucros é o pátio, o rancho, o estábulo, o chiqueiro. O domo humano são as habitações solitárias, ou coabitadas em camaradagem, que desenharam o cinza panorama da cidade.

A alienação nas cidades – espaços à beira do colapso fatal – e a destruição que gera a produção em massa são características próprias da vida sob o controle da ação domesticadora da razão instrumental. A razão estética não propõe o domínio humano sobre a natureza. Pelo contrário, vislumbra a existência humana de modo interdependente com e na natureza, sem controle algum. A vida é uma rede flexível e orgânica de acontecimentos cotidianos. A razão estética amplia a consciência, amplifica a imaginação e promove a integridade e a responsabilidade como éticas necessárias. É um projeto que não carece de elasticidade, nem de sentido prático, nem de inteligência. Mas privilegia o artístico sobre o funcional. Sua finalidade então é o desenvolvimento radical de todas as peculiaridades anti-autoritárias que habitam o planeta.

Um mundo orientado em torno da razão estética sugere uma vida artesanal e comunitária. A cosmovisão que integra dita razão é biocêntrica. E limpar o antropocentrismo do jardim planetário, enquanto deposita o humanismo ilustrado no baú do adubo. O biocentrismo não é senão a revelação de que a vida é a esfera includente da realidade, sem esquecer, por isso, que existam outras realidades e percepções de realidade. O jardim das peculiaridades é um projeto de humanidade: construir a vida num jardim planetário povoado de comunidades deshierarquizadas, autônomas e libertárias, que operem com o pensamento analógico e estético. A analogia permite estabelecer associações e conexões de forma simultânea, múltipla, flexível, transparente e interdependente, desmantelando a lógica linear e o isolamento, para combater – no mesmo lado – todas as formas perversas de alienação. Talvez nesse jardim seja possível voltarmos a nos comunicar cabalmente por meio de certas faculdades perdidas e atrofiadas pela domesticação. Talvez desenvolvamos outros sentidos.

As galinhas, por exemplo, são capazes de reconhecer até um máximo de cinquenta membros em sua comunidade. Seu sistema organizacional está baseado no reconhecimento mútuo. Assim evitam qualquer conflito surgido pela pugna dos grãos e estabelecem uma dinâmica social baseada na empatia com as outras galinhas, dando preferência às aves maiores no momento de morder. Com a domesticação industrial, os galinheiros se encheram com centenas de galinhas que foram forçadas a esquecer sua sabedoria natural e a desconhecer as outras formas de sua espécie, acordando a violência, se não a

loucura. Os seres humanos perdemos e esquecemos nossa sabedoria natural. Os aborígenes australianos que marcham ao deserto ainda são capazes de comunicarem-se telepaticamente a vários quilômetros de distância. Quando a poesia e a arte devêm numa contra-ideologia sistêmica, nossas faculdades revivem. Então somos capazes de criar o mundo e expressar livremente nossa peculiaridade que o sistema nega. Algumas peculiaridades têm as pétalas mais abertas do que outras. Isso não importa. A padronização igualitária é um artilho sócio-liberal, que cinicamente nega o igualitarismo social, dado que existe em virtude das diferenças hierárquicas. O importante é que cada pétala brote, sempre a seu ritmo e condição, estabelecendo uma íntima sincronia com o mundo dos seres vivos. A máquina igualadora é injusta com a peculiaridade. A vida é uma energia que permite recriar o mundo em diferentes mundos peculiares. A livre criação de constelações de peculiaridades – a livre associação, em idioma sócio-liberal – é uma noção que pode ajudar a descrever melhor as condições de vida sob o movimento orgânico de comunidades auto-suficientes. A comunidade flui na convivência gregária – o social, em idioma sócio-liberal – fazendo florescer a peculiaridade de cada criatura. Dito florescimento não é senão o desenvolvimento total e libertário de nosso ser, permitindo assim uma interação orgânica entre os seres humanos e o planeta.

No jardim das peculiaridades, as flores e as plantas realizam o processo de fotossíntese ao ritmo de sua própria seiva. Ninguém as detém. Ninguém as atrasa. Ninguém as apressa nem controla. Os animais e insetos que se deslocam com sigilo pelo horto cruzam o breve latido do presente. Assim se mantém vivo o movimento perpétuo da terra. Assim também sobrevive o planeta: o domo astral que nos oferece o penhasco e nos faz viver.

27

Existiram práticas antropofágicas durante a época em que os humanos coletavam e caçavam, ou inclusive antes disso? Foi a carne humana alimento de outros humanos? Temos um passado canibal? Ao que parece, tudo indica que sim, ainda que não saibamos se para fins de sobrevivência ou puramente simbólicos.

O estudo dos molares dos restos de crânios encontrados em algumas grutas da Grã-Bretanha demonstra que os antepassados dos ingleses foram canibais. Nos séculos XVII e XVIII os médicos de algumas cortes europeias costumavam prescrever como dieta curativa órgãos humanos para aliviar certas doenças. Os bancos de órgãos não foram raros naquela época, nem raras foram também as execuções, necessárias para abastecer as bodegas de rins, fígados, intestinos e outras partes do corpo que demandavam os cortesãos ávidos de cura. A guilhotina se desacelerou no momento em que a Europa apagou sua história antropofágica e começou uma nova etapa: atribuir o canibalismo aos povos dominados, que não eram vistos senão como bons

selvagens ou bárbaros perigosos “comedores de homens”.

Na novela “El entenado”, baseada nas memórias do espanhol Francisco do Porto (que chegou à costa oriental do cone sul com a expedição de Díaz de Solís no ano de 1516). Juan José Saer relata em bela prosa a experiência de um cativo em território guarani. O canibalismo indígena americano não esteve sustentado na necessidade da sobrevivência, mas sim num ritual simbólico: distinguir ao outro de nós e assim afirmar a ordem incerta do universo. Toda vez que os tupis guaranis realizavam uma festa da carne – ou carnaval – reafirmavam seu papel na preservação do frágil balanço cósmico. Esta visão etnicista e antropocêntrica, filtrada pela da prática canibal não tinha senão um fim simbólico e cerimonial: sustentar que as pessoas de verdade não comem a si mesmas. Pelo contrário, os canibais só saboreavam os forasteiros, ou outros, que ante os olhos da aldeia etnocêntrica, não existiam nem faziam parte da verdadeira gente. A dialética exercida entre o canibalismo e a auto-identificação grupal como estratégia de construção identitária teria sido a base de toda expressão simbólica. A noção de nós se distingue deste modo da noção de eles. E tal distinção se ratifica de modo ritual mediante a prática canibal. É, de certo modo, uma mitologia que explica o cosmos e garante a convicção de pertencer, mas que carece de uma verbalização articulada. Isso é talvez o que Francisco do Porto presenciou enquanto esteve em cativeiro por quase 10 anos. E essa é a razão também pela qual os charruas do Rio da Prata o mantiveram cativo. A testemunha do ato canibal era o observador necessário para ratificar a existência dos guaranis entre os membros de outras aldeias. Mas para o império espanhol, o canibalismo foi utilizado como argumento para demonizar as culturas indígenas e assim justificar o açougue genocida.

A noção de um nós provém de outra noção prévia: o eu. A noção do eu surge da consciência da própria condição mortal, que vislumbra numa situação hipotética, futura e impertinente, a morte. Esta visualização do futuro é a que separa a consciência humana do instinto de sobrevivência, ou da hipersensibilidade para adivinhar o risco, ou de qualquer outro tipo de consciência animal.

Quando o soldado Bernal Díaz do Castelo entrou sob as ordens de Hernán Cortés na cidade de Tenochtitlan, construída no lago Texcoco, seu assombro ante o mercado e a grandeza imperial asteca se viram diminuídos pelo terror sentido ante a presença de cadáveres empilhados no interior dos templos sagrados. Os astecas não só praticavam sacrifícios humanos, mas também foram canibais. Em seu relato, Bernal Díaz rememora quando Montezuma se serviu em seu prato de monarca, de pequenas criaturas humanas que não eram senão crianças. Assim Bernal Díaz demonizou ao outro e escandalizou os espanhóis, cujo temor se veiculou por meio do discurso religioso. A distinção que fazem os europeus é estabelecer a diferença entre um eles e um nós. Isto é, entre a barbárie - atea ou endemoninhada que fomenta a antropofagia – e a civilização católica que, não obstante, também bebe e come simbolicamente o corpo de Cristo. Tal raciocínio é utilizado pelo

império para justificar o genocídio praticado nas Américas e assim reafirmar o suposto direito à conquista. A cruz cristã e a liturgia são ainda formas simbólicas de sacrifício e canibalismo. Os sacrifícios e as práticas antropofágicas dos astecas foram formas simbólicas de reafirmação identitária, cultural e coletiva, como também consequência de sua cosmovisão.

Outros povos sul americanos também praticaram sacrifícios rituais, ainda que ainda se discutam se foram canibais ou não. Tais sacrifícios eram oferendas aos deuses. E seu objetivo era alimentar o espírito dos elementos a procura de proteção. Os mapuches do sul do Chile – um dos poucos povos não conquistados pelos espanhóis – sacrificavam cordeiros em seus rituais de cura. A feiticeira – ou machi – extraía o coração do animal e se banhava em seu sangue. E este não era senão um ato simbólico de redenção com as forças da natureza. O simbólico aparece com o surgimento da consciência, visto que representa à morte. O reconhecimento de nossa condição mortal seria a impulsão geradora da confecção da noção do humano e do não-humano, do animado e do inanimado, do cru e do cozido. Em tal contexto, o canibalismo e o sacrifício animal não foram senão práticas de reafirmação do humano. Comer o outro, humano ou animal, era ratificar a existência de um nós: a horda primitiva ou a tribo original.

Freud propõe que a civilização se baseia no reprimido. Isto é, no tabu do canibalismo e do incesto. Essa repressão é a que origina as bases da civilização ocidental. O civilizado é o reprimido. A cultura também reprime, já que deve ocultar seu caráter antropofágico: o plágio, a citação, a mera referência. Simbolicamente, a cultura engole a si mesma numa rede de conexões que se expandem como reação em cadeia. O vampirismo mercantil e escravista se baseia culturalmente numa impulsão canibal, cuja representação mais certa é a expressão popular “chupar o sangue dos outros”: os dominados. De fato, quando a cultura representa o canibalismo, o faz com o viés do espetáculo. O torna caricatura ou lhe atribui características de aberração. É um “tango nu” ou uma distorção individual de quem perdeu toda noção de humanidade. No primeiro caso, o canibalismo é um espetáculo que contradiz a contradança da carne. Quando os guaranis realizavam seus bacanais, faziam-no ao ritmo da dança e dos tambores e se supunha que era uma celebração recordatória de sua própria humanidade. Quando os cristãos esperavam a quaresma, realizavam primeiro um carnaval, que também era a festa da carne, mas sublimado pelo simbólico. O “tango nu” é a espetacularização estilizada, mas também crua, do evento antropofágico. Manifesta-se no fascismo, na tortura e na vexação. Pelo contrário, a imagem do canibalismo como aberração individual, é uma armadilha ideológica que reforça a propaganda que prenuncia o autocontrole, a autocensura e a força opressora. Em ambos os casos, reprime-se a peculiaridade múltipla que habita na natureza. Esse é o véu que nega a origem da ideia de humanidade.

É provável que a cultura simbólica e suas ramificações reificadoras tenham provido de uma primeira consciência: a certeza da morte. Tal certeza gera, por meio dos mecanismos auto-reflexivos da consciência, o

reconhecimento da própria existência. Isto implica a visão de um eu-nós, em oposição a um outro-eles. Em tal sentido, o canibalismo foi uma prática de afirmação simbólica da cosmovisão conflitante entre nós contra eles.

A antropofagia seletiva (comer ao desconhecido, mas não ao próximo) é o estabelecimento primitivo de um asco diferenciador e autoconsciente racionalizado mediante a noção do humano e do não-humano. Não é seguro, em todo caso, que os humanos sejamos carnívoros. Ao que parece, tudo indica o contrário. Somos seres herbívoros, vegetarianos ou veganos, que ainda comemos carne ou preparamos assados como inércia metabólica devido a uma dieta imposta ancestralmente por razões simbólicas. Quando o comensal ingere carne não-humana, é recompensado com o status do humano.

As variantes geográficas também influíram nas dietas regionais. A alimentação dos esquimós, por exemplo, é quase cem por cento carnívora. No entanto, sua localização numa zona de difícil sobrevivência obedece a um deslocamento prévio, determinante de sua dieta. Muitos povos nômades se mantiveram em movimento ao seguir a rota dos búfalos ou outros animais. Os recursos marítimos fizeram com que muitos destes grupos tribais se assentassem em torno das áreas polares e se dedicassem à pesca como prolongamento de uma prática açougueira anterior. Esse foi também o caso dos Alacalufes ou Selknam na América do Sul, hoje, totalmente desaparecidos.

Assumir nossa natureza animal implica entender que a sociedade atual está reproduzindo uma forma ancestral de canibalismo. Somos animais que comem outros animais. Somos animais herbívoros que comem a carne de outros. Visto que as tribos caçadoras e pescadoras do paleolítico e do neolítico foram consumidoras de carne. Mas essas sociedades já tinham talhado e polido a pedra, o que implica o uso de certo pensamento tecno-instrumental para construir ferramentas. É muito provável também, que essa aplicação incipiente da razão instrumental tenha surgido depois da aparição da consciência: a revelação da própria morte. Também é provável que a instrumentalidade tenha aparecido depois do surgimento das noções de um eu e um tu coletivos.

Tais noções são os embriões do canibalismo, que não é senão um símbolo de ratificação da identidade comunitária na horda primitiva, no clã ou na tribo. Em tal sentido, é provável que o consumo de carne animal não-humana tenha perpetuado um mecanismo simbólico de auto-afirmação, que foi impondo, pouco a pouco – e quiçá por razões de sobrevivência – a dieta carnívora a seres com mãos planas e poros na pele.

Fisiologicamente, os humanos somos seres herbívoros. Não temos garras, transpiramos pelos poros - diferente dos carnívoros que o fazem pela da língua – e nossos pequenos incisivos não são afiados como os dos animais carnívoros.

Ademais, temos molares planos para mastigar e triturar e nosso intestino é doze vezes mais longo que o total de nosso corpo, similar ao dos outros herbívoros, cuja longitude flutua entre dez e doze vezes a longitude corporal. Se comparamos isso ao intestino dos carnívoros, cuja extensão é só três vezes a longitude do corpo – o que permite um veloz processamento da carne descomposta que passa rapidamente pelo sistema digestivo – e à presença de fortes ácidos estomacais que ajudam a digerir a carne, sendo vinte vezes mais potente que os ácidos estomacais presentes nos humanos e nos herbívoros, não há razões de tipo fisiológico para supor que os humanos precisamos comer carne. As razões que o carnivorismo alega são ideológicas. E não tendem senão a justificar a supremacia humana sobre o mundo animal.

Michael Klaper assevera que os humanos não somos carnívoros nem por anatomia nem por natureza. Num de seus livros sobre dieta vegana, assinala que efetivamente os seres humanos não podemos comer carne crua com gosto – isso, caso o fizéssemos – e contrapõe o prazer de comer uma maçã, uma melancia ou uma salada ao ato carnívoro, que geralmente requer tempero e cozimento a fim de voltar o comestível o mais distante possível de sua verdadeira natureza: carne e nervos mortos. Em tal sentido, a dieta carnívora é uma sorte de necrofagia que se foi impondo socialmente e que deriva da prática antropofágica. Ambas as dietas não foram senão atos simbólicos rituais. O canibalismo serviu como rito de distinção entre a identidade tribal e a dos outros, enquanto o carnivorismo foi uma cerimônia necessária para distanciar os seres humanos dos animais. Efetivamente, por meio do carnivorismo se perpetuou a visão antropocêntrica que garante ideologicamente a “superioridade” humana sobre os animais, justificando o controle humano sobre a natureza. Em ambos os casos se objetiva o comestível. E em ambos os casos também, há símbolo e coisificação.

As tribos caçadoras pré-históricas expandiram seu território procurando animais para a caça. Talharam ferramentas e poliram pedras como armas de defesa e ataque. Desenharam táticas de armadilhas, de controle territorial e de assalto. Isto foi a base do desenvolvimento da lógica da agressão instrumental que deu origem ao combate e ao armazenamento. Mas não foi um processo homogêneo. Os índios das pradarias norte-americanas, por exemplo, respeitavam o búfalo – que era sagrado em suas culturas – e não o mutilavam em grande escala nem o domesticavam. Nas civilizações carnívoras, no entanto, ainda sobrevive este primeiro movimento expansivo. É um fato que a caça é uma das pedras angulares sobre a qual se levantam os alicerces da civilização açougueira. A irracionalidade assassina da civilização opera como paralelo da irracionalidade humana. Efetivamente, somos a única espécie de animais que, sendo herbívora, prefere se alimentar de criaturas mortas. Isso é a loucura total.

A ciência atual e a cosmologia dominante não só procuram esconder ao máximo – por meios representacionais – o passado canibal da humanidade, senão que também têm um ingrediente funcional instrumentalizador. A utilização de embriões e fetos humanos na medicina biogenética, o uso de órgãos animais e não-animais nos implantes no corpo humano, a expansão “macdonalizadora” da dieta açougueira, a produção biotecnológica de alimentos transgênicos, a biopirataria, o esporte da caça, a compra de recém nascidos etc. são todos modos ideológicos de reconstrução simbólica de uma nova noção de sujeito: os autômatas.

Os autômatos são seres robotizados que se conectam grande parte do dia a diversas máquinas (computadores, televisores, celulares, secretárias eletrônicas, telefones, automóveis, aparelhos auditivos, escadas mecânicas, marca-passos, relógios, alarmes etc.) Os autômatas surgem como consequência direta da ciência atual e da cosmologia moderna. Não recordam porque seu pensamento descreve a rota programada pela ideia do tempo linear. Carecem de espontaneidade, ainda que improvisem. A espontaneidade detém a programação porque privilegia o presente orgânico e natural. Assim prevê o decurso da vida. O improvisado, por outro lado, centra-se em seu acionar imediato e não previne suas consequências. É a lógica lucrativa, a urgência cibernética, o desejo do ganho.

O autômato é faminto e pouco sincero. Carece de transparência e responsabilidade. Sua comida se baseia na gaia ciência, que fabrica organismos geneticamente manipulados e modificados, ocultando o que são com sua aparência: legumes falsos, hortaliças que deixaram de ser hortaliças, alimentos de plástico, fruta enlatada etc. Tudo isto responde a um planejamento do futuro e da vida estritamente regulamentada de acordo com modelos e metas também estritamente desenhados. O autômata, por tanto, é incapaz de vislumbrar o efeito destruidor e violento de seu acionar. Mas bem o nega.

Bem como a dieta carnívora e a religião foram intervenções culturais naturalizadas, que representaram simbolicamente uma forma de repressão causada pela ação civilizadora, cujo fim não era senão construir uma identidade humana, assim também as ciências e as máquinas modernas são intervenções culturais naturalizadas, que representam a repressão da noção de humanidade, cujo fim não é outro senão construir um mundo de autômatas. O autômata é o modelo da padronização moderna. Sua integridade é o dobro regular: defende a violência exercida pelos repressores e ataca a autodefesa dos dominados. Sua dieta ideal são as pílulas. E sua ideologia, a alienação.

Qualquer tentativa de padronizar é uma forma de domínio porque impõe um modo único de ser sobre a peculiaridade. Toda matriz valorosa e ideológica é um exemplo deste domínio, já que a única integridade possível se tenha conectado ao florescimento múltiplo, simultâneo e peculiar da natureza. A padronização é uma forma de colonização que impõe um padrão uniformizante sobre as diferenças e as peculiaridades de cada qual. Todos os modelos escondem um sistema de planejamento que organiza o mesmo modelo. Cada plano requer da linearidade temporária a fim de progredir e impulsionar a moção desenvolvimentista. A ciência atual e a cosmologia moderna dominante justificam a colonização da peculiaridade da natureza – gente, bosques, plantas, animais, aves, solo etc. – mediante os índices do chamado ‘padrão de vida’. Aqueles que se acomodam aos diferentes padrões de vida tornam-se autômatas. O autômata se opõe à natureza, perdendo sua humanidade – construída talvez pelo canibalismo na tribo primitiva - e desenvolvendo sua memória como uma fita de vídeo para voltar a ser programada pela máquina padronizadora. Depois sobrevive rebobinando a mesma fita. Essa é a chatice. Do mesmo modo, o autômata apaga seu passado, se ofusca com o presente e perde sua história, a que em outras circunstâncias teria sido ancestral como a dos humanos. O autômata valoriza só o que recorda: as contra-senhas eletrônicas, os dígitos de sua placa de auto, os números de código e de barra que lhe atribuem a grande máquina-mãe etc. Carece, portanto, de história. Esse é seu orgulho e também sua perdição.

Num lugar do noroeste americano, nos arredores da cidade de Eugene, no Oregon, celebra-se anualmente uma festa hippie chamada Beanfest. Esta feira não chega a ser um quilombo, ainda que poderia sê-lo. Os quilombos são desordenados, rebeldes, revoltos e dionisiacos. Permitem às peculiaridades seu reencontro num estado natural de anarquia que se manifesta no presente perpétuo. O festival de Eugene, no entanto, induz cada participante a ressaltar um aspecto de sua individualidade, regrada por uma variada gama de tipos culturais previamente conformados: a moda, o fetiche, a aparência. Isto padroniza o jogar e impede a verdadeira celebração, uniformizando a diversão. Pelo contrário, o verdadeiro carnaval é um ritual recordatório, que toca as campanhas de alerta sobre nossa própria realidade e resume uma sabedoria primitiva: os seres humanos não são senão natureza. E a morte é prova suficiente disso. O beanfest, por outro lado, precisa de regras, sistemas de segurança, guardas e policiais secretos, tudo o que atenta contra a natureza, o planeta e a expressão divertida do ser. Hoje, por exemplo, é ilegal fumar um cigarro de maconha. Ainda que não tenha sido sempre assim. De fato, a feira de Oregon começou como um festival sessentista para simular os carnavais

medievais, sendo altamente contestador a princípio. Ali iam hippies e flower powers de todas as partes do mundo, soltando cores e sorrisos opostos da uniformidade.

Os aldeões formam grupos de música e tocam uma espécie de folk longo que se identifica com a música do campo. O curioso é que cantam histórias que às vezes podem parecer-se muito com as histórias pessoais de quem as escuta. Na realidade, isto não é estranho. É o produto da padronização. Os heróis e personagens que destacam suas canções tornam-se os estereótipos produzidos, administrados e massificados pela cultura simbólica, que reproduz o controle por meio da imagem. Deste modo, a padronização se apropria da peculiaridade e a transforma numa tipologia reconhecível: arquétipos, fisiotipos, estereótipos etc.

Os estereótipos são formas grosseiras de entender a padronização e existem em virtude dela. Por exemplo, os motoristas de micro-ônibus se saúdam sempre ao se cruzarem num caminho. Tal conduta ocorre em todos os territórios onde a civilização tenha tido um impacto homogeneizante e uniformizador. Quanto mais estereótipos tenham as sociedades, maior será seu grau de padronização e alienação. O estereótipo é uma imagem carregada significativamente e semanticamente pelas categorias. Sua ação – que se projeta sobre a realidade – se impõe sobre os grupos dominados nas formas do exotismo ou da demonização. O exótico é uma categoria construída pelo dominante a fim de infantilizar o outro e apropriar-se. A demonização auto-justifica a agressão ao outro. Sem categorias, as tipologias e as imagens coletivas não poderiam ser reconhecidas amplamente. O estereótipo espetaculariza o uniforme. Isto é óbvio na cultura de massas: a cultura dos meios de comunicação audiovisual de massa ou a cultura do “mainstream” norte-americano, por exemplo. Sua ideologia é a mediocridade e seu propósito aponta para que todos os seres humanos integrem a engrenagem social e produtiva como porcas de um mecanismo maior e incompreensível. Por isso, a padronização é um processo de cretinização humana através dos formatos padrões. Ditos formatos contêm os valores da democracia plutocrática que se mantém a partir dos logros do sistema de midiocracias. Isto é, o governo padronizador, sem contar – com certeza – as ideologias: concepções democráticas que se encarnam abertamente no fascismo. Para que o festival se torne algum tipo de quilombo, deve desdobrar todas as plumas silvestres da peculiaridade. De outro modo, a festa se transforma num campo de concentração com confetes e balões, mas sem o compartilhar, sem risos nem companhias. Isto não é muito diferente do que ocorre nos eventos oficiais que se repetem uma e outra vez nas escolas, nas instituições públicas e privadas, nas cerimônias trabalhistas etc. De fato, o objetivo dessas pseudo-celebrações é preparar o terreno ideológico e emocional para o adestramento propagandístico e o controle repressor: as duas armas que o sistema utiliza para manter a imobilidade. Por outro lado, o quilombo – como um carnaval verdadeiro – é uma forma de dramatização social da consciência, cuja prática dionisíaca libera e aparta da máquina de adestramento e de controle

comportamental. O dionisíaco, neste caso, não só desbarata a cultura da “razão” ao se opor antiteticamente ao apolíneo, senão que também desvanece a norma instrumental ao dismantelar a dualidade entre Baco e Apolo que se esfuma no caráter rebelde da celebração.

32

Toda revolução tem reformas, ainda que sem revolução nunca se acelerem as reformas. Os meios e os fins se encontram num presente perpétuo no que coincidem a realidade e a imaginação, o desejo e sua realização, a arte e a vida. Assim, apagam a linha divisória que limita as ordens do imaginário e do simbólico, do orgânico e do estruturado, do animado e da totalidade. Esta combinação binária de assuntos diversos – que impõem geralmente uma placa à consciência de entendimento do mundo – se dismantela quando se percebe a tática do segundo como parte da estratégia global. Dessa forma, a compreensão da totalidade como um todo interdependente apaga a linha divisória entre a liberdade e o temor, melando a casca que separa os seres humanos do mundo natural.

Na terra se acha contida toda a noção liberdade. E depois das barras de aço surge a desafortunada experiência da prisão e do enjaulamento. A revolução deve transformar o cotidiano numa ética que se realize no presente contínuo. Mas isto é algo especulativo, já que se baseia na urgência ética de transformar. A imobilidade, em todo caso, rende homenagem à repressão. Só o movimento libera.

33

O sistema padronizador domestica. A domesticação é uma forma de domínio que torna as criaturas viventes seres caseiros que se apoltronam em seus domesticadores. Força assim à domiciliação, cuja expressão ápice de repressão é o toque de recolher. Como todo sistema, este gera seus anticorpos: os desempregados que operam como exército de reserva trabalhista e os vagabundos sem teto que o sistema elimina.

A produção em massa gera crise de superprodução e estancamento: desemprego, pobreza, distinção entre classes sociais etc. Ainda mais, galvaniza a lógica da acumulação e da racionalidade reificadora através do controle midiático, produzindo como consequência uma sorte de mais valia em massa de imagens que reforçam o consumo e aceleram a própria acumulação.

Para dismantelar o sistema padronizador e a produção industrial em massa é necessário resolver dois pontos radicais: os modos de relação sociais e as formas de alimentação e manufaturação de artigos. Está claro que para construir um jardim planetário é necessário propor formas de relação sociais não-hierárquicas, que se espalhem organicamente como uma rede de constelações de peculiaridades. Isto é, como um conjunto de comunidades ou agrupações similares aos bandos tribais. O eixo alimentar deve estar baseado

na horticultura e na permacultura, praticadas em hortas comunitárias auto-sustentáveis e mantidas única e exclusivamente para a satisfação mediata e imediata (e não para a venda ou a acumulação de bens ou dinheiro). Visto que ninguém deveria regular o trabalho do outro – ou outra – enquanto as decisões se tomem em conjunto. A responsabilidade é um ato consciente de solidariedade. O tempo ocioso deve ser altamente valorizado, o mesmo com a capacidade de apreciação da natureza e do universo, que são fontes de energia vital. Efetivamente, o coração do planeta e do cosmos merece ser celebrado tanto no cotidiano como no coletivo. Deste modo, o descanso, o estético e a vida social podem ser alinhados fora de toda hierarquia, construindo uma política baseada na celebração e na convivência ritual festiva.

O consumo pode ser mediado por meio de uma espécie de cooperativa na qual cada um aporte com o seu. Obviamente, no jardim planetário não haverá dinheiro nem escambo de valores que dê suporte ao valor de mudança. Não obstante, a produção de artigos manufaturados é inevitável. Os seres humanos manipulam e fabricam ferramentas. Essa é a natureza de nosso polegar oposto ao resto dos dedos da mão. Assim foi no paleolítico e assim é agora. A função que cumpre nossa capacidade de segurar objetos e de criar beleza se representa em duas práticas vitais: o recolhimento de alimentos e a entrega de amor quando brindamos e recebemos carinho. Em tal sentido, a utilização de tecnologias apropriadas independentes dos processos de produção industrial em massa pode ser chave na hora da sobrevivência. A engenharia baseada no coração humano, como as bicicletas, ou na energia eólica ou solar são alternativas concretas ao industrialismo. Se a vida social se visualiza em comunidades abertas – em contato cotidiano com a natureza – o risco da coisificação se desfaz. A natureza não só nos cuida como também nos liberta e cura, evitando que caiamos nas armadilhas da alienação.

A palavra “floresta” prove do latim “foris”, que em rigor significa “porta primeiramente ao ar livre”. A desdomesticação implica um abandono do domesticador para internar-se ao ar livre: a selva ou o bosque. Esse abandono é a quintessência de toda libertação. Dessa forma, cruzar o umbral da paralisia significa derrubar as portas do domesticador e varrer todas as entradas de automóveis, diminuindo o concreto. Requer também desfazer-se de tudo quanto nos prende ao palanque da civilização, que não só nega a animalidade humana como também desmente sua natureza lúdica e rebelde.

34

John Trudell propõe a distinção entre autoridade e poder para aludir, por um lado, à natureza do sistema padronizador que encarna a civilização e suas práticas domesticadoras e, pelo outro, à capacidade de resistência contra este dito sistema. Certamente, toda prática autoritária provém da noção de autoridade, que não é outra coisa senão o exercício do poder exercido para subordinar e forçar ao acatamento de sua investidura. O poder é um meio de

repressão que perpetua o autoritarismo. A autoridade submete por meio do poder. Assim, o poder autoritário não é senão a força que ilusoriamente trata de utilizar a energia vital contra a vida. A autoridade carece de poder, mas utiliza a força. O poder, pelo contrário, pode ser autoritário ou liberador.

A estrutura do poder perpetua a autoridade e irremediavelmente neutraliza, controla, doma e corrompe. Por isso, a resistência contra esse poder pelos mesmos mecanismos de poder pode ser algo nefasto para qualquer movimento de resistência. Essa foi a triste história das revoluções nacionais de independência política, social ou econômica. Autoridade e poder estão então numa relação de círculo vicioso que cerca qualquer tentativa de ida ao ar livre. Curiosamente, na corrupção do poder e na perda de autoridade radica a força da energia. A corrupção do poder permite à resistência romper conjuntamente o cerco ofuscante da autoridade, que se materializa na arbitrariedade dos discursos, das regras e das leis. Sua falta de consistência é sua debilidade. Por isso, numa sociedade libertária o exercício da autoridade societária deve ser evitado a todo custo. Qualquer condenação ou sentença que culmine no encerro ou na privação de liberdade de um indivíduo tende a construir novamente esse cerco autoritário que o sistema padronizador aperfeiçoou mediante suas técnicas de ultra sofisticação repressiva e que deu origem à atual sociedade panóptica de controle.

Nas comunidades – ou constelações de peculiaridades – dispersas ao ar livre, o poder se dilui em força, devindo num meio de ação e mobilidade. Isso é a energia ou matéria negra que, segundo a física quântica, não emite nenhum tipo de radiação e se distribui de forma similar à matéria visível, estando cada em proporção à presença da outra. Isto faz com que contra a força energética do cosmos não haja poder nem autoridade que valham. O dilema consiste em não reproduzir a lógica dominante. Por isso, a aplicação do ostracismo é uma defesa grupal que não acaba com a integridade da livre criação de constelações de peculiaridades. A decisão de afastar temporal ou indefinidamente um membro da comunidade – em caso de haver conflitos irresolutos – são bem mais sãs e atentam menos contra a praxe vital do que qualquer outro tipo de pena. Óbvio resulta contrapor o ostracismo à aberração das execuções: prática institucional horrorosa de extermínio, genocídio e repressão.

O meio de ação e mobilidade no que radica à força energética provém da vitalidade, que emana do planeta e dos seres vivos. Sua fonte é a natureza, que mantém todas as criaturas que habitam o jardim da Terra. É, portanto, uma energia magnética, concentrada e indestrutível, que pode dismantelar a autoridade e a estrutura do poder sem maior esforço. Assim, pensar no sistema como algo poderoso é irrisório. A capacidade de destroná-lo está em nosso espírito. E nem com todos seus aparelhos técnicos de intimidação, controle e morte poderão deter a avalanche da força energética quando esta entrar em erupção. Esse é o verdadeiro poder humano. Deve-se dizer que antes que se extinga a vida neste planeta, produto da contaminação e da irresponsabilidade do atual modelo autodestrutivo, todo rastro humano - e por fim o da civilização mesma – desaparecerá da face da terra. Isso ocorrerá

inexoravelmente se não corrigirmos o quanto antes o rumo sinistro que o timão da padronização marca. De outro modo, não restará nada, salvo um par de crânios em cujos molares se adivinhe uma natureza herbívora com um passado carnívoro. marca

35

Não estar civilizado significa estar fora da padronização. Pronunciar, por exemplo, uma palavra erroneamente ao que é ditado pelos dicionários – em oposição ao sentido comum, ao ritmo fonético de um idioma ou ao uso que lhe dá uma determinada comunidade linguística – é atentar contra o relógio tirânico da uniformidade. A televisão foi nos últimos quarenta anos o veículo sinistro da padronização. Não só impôs uma forma de dizer, como também uma maneira de ver o mundo e de sonhar. Descivilizar é romper com a homogeneidade midiocrática. Para liberar-se, deve-se segurar o próprio de cada qual: aquilo que conforma a peculiaridade inata do ser. A pobreza do progresso é produto da auto-padronização. Ideologicamente, a auto-padronização significa aprender exitosamente o treinamento moderno para pensar o curso da vida em termos lineares e progressivos. Tal visão do tempo, determinante da percepção moderna da realidade, faz com que o sujeito viva sua vida planejando metas e compromissos que nunca se acaba de cumprir. Isto gera ansiedade: primeiro passo para a alienação e para o esvaziamento pós-moderno, que se lança ao abismo do sem sentido. Outra forma de auto-padronização é internalizar o controle do poder autoritário mediante uma vida paranóica e auto-repressiva. Isto reforça a autocensura e leva a recusar a espontaneidade, sindicando-a como parte de algo nocivo e inconveniente. Como contrapartida, conduz à improvisação: conduta que não pondera nem dimensiona os efeitos da ação humana sobre o planeta e o resto dos seres vivos, negando assim o ritmo da vida que exala e inala permanentemente. A ‘selvageria’ é liberar-se da pobreza do progresso, que não é senão uma mistura simbiótica de pobreza: a marca registrada do produto civilizador, cujos carimbos e código de barras foram estampados no escritório da padronização. A ‘selvageria’ é, entre outras coisas, a única riqueza possível, porque transborda em paz, abunda em tempo e nela sobra vida e espontaneidade. A “selvageria” enriquece o espírito.

36

O mundo é a projeção da consciência. Um mundo sem consciência é um mundo unidimensional. A máquina padronizadora tende a uniformizar a consciência a fim de anulá-la.

O autômata carece de consciência, porque também carece de realidade. Quando as consciências projetam suas peculiaridades na realidade, cria-se a

noção e a sensação de mundo. Dado que a linguagem configura a consciência, esta se projeta por meio da forma da linguagem. A importância da linguagem radica tanto em sua capacidade de construção do mundo como em seu talento para verbalizar a experiência. Dessa forma, arguir contra a linguística generativa, que advoga por uma “estrutura profunda” em todas as línguas a fim de provar a existência de um mecanismo inato no cérebro humano que permite a qualquer sujeito aprender idiomas e criar neologismos resulta inútil. Saber se a linguagem é ou não inata carece de relevância. O que importa é que pela linguagem o sujeito se libera, porque assim consegue verbalizar e construir sua experiência de acordo com sua imagem de mundo. Este texto é prova disso. Outros textos que o refutem também serão prova do mesmo. O contrário seria o mutismo, a censura, o silenciamento, a perseguição ou o cárcere, prova suficiente de que a linguagem verdadeira atenta contra o controle.

Quando a máquina padronizadora entra em ação impõe uma linguagem sem sentido - a novilíngua de George Orwell – e uma consciência e um mundo irrealis. Nessa realidade padronizada, tanto a linguagem como o mundo e a consciência parecem entidades alienantes e reflexo da padronização. Mas essa é a armadilha que a ideologia espalha. Seu objetivo é manter-nos tensos, nervosos e inseguros, além de carentes de amor e de esperança. Em verdade, isso o conseguirão se ficarmos mudos e incapazes de articular nossa experiência. A autocensura e a língua travada que gagueja por sua falta de eloquência têm sua origem na ação do controle.

As palavras podem ser sérias – e também mágicas – porque concentram a energia que permite o movimento do mundo, como o vento que dança nas folhas das árvores. E isso não é senão arte e poesia. A contradança da paisagem que brilha em nossos olhos e nós mesmos que dançamos no meio da folhagem.

37

Se a identidade separa o sujeito dos outros sujeitos e da natureza, a consciência o religa. Está claro que sem consciência não há mudança possível.

A clareza e a sensatez são atos de consciência porque permitem uma compreensão da própria existência no marco da totalidade da vida. A consciência alimenta a imaginação que opera sob procedimentos criativos. A inteligência, pelo contrário, procede racionalmente já que arquiva dados, processa informação, estabelece associações, se apreende a si mesma, problematiza e dá respostas. Também se adapta, questiona e fantasia. A fantasia é o produto de uma criação peculiar: Alice no país das maravilhas, por exemplo. A imaginação, por outro lado, abre as possibilidades para o leque eterno da criação.

A consciência também pode ser autodestrutiva e conduzir ao suicídio. O término da vida por suicídio só é possível mediante um ato de consciência. É,

segundo Albert Camus, um ato de liberdade absoluta. Geralmente isto ocorre quando a consciência se vê paralisada pela ação padronizadora que desvanece a imaginação. Quando a consciência não imagina se autodestrói, já que a imaginação é o que permite à consciência se expressar. A manifestação estética do ser é impossível quando se anula a imaginação.

38

Os aparelhos tecnológicos parecem neutros. Mas na realidade não o são porque têm um propósito. Efetivamente, se são usados imprimem uma marca indelével na consciência. Assim, tornam o sujeito dependente: dominam-no, cretinizam-no e infantilizam-no, arrojando-o ao poço da alienação. Pelo contrário, se os aparelhos tecnológicos forem usados: deterioram-se, oxidam-se, as formigas os corroem ou simplesmente desaparecem para a consciência. Em tal sentido, todo artefato tecnológico divide os seres humanos entre usuários e não-usuários. E quem advoga por seu uso não duvidará em utilizar suas armas tecnológicas de destruição e de guerra para dominar aqueles que não têm comércio com a tecnologia. Assim foi e assim é agora.

A tecnologia também divide mediante seu efeito domesticador. A gente trabalha para comprar os aparelhos eletrodomésticos ou os artigos que promovem a tecnologia. Ou simplesmente para poder ter acesso aos serviços que esta oferece e que geralmente brindam entretenimento e comodidade, além de maior capacidade para realizar certas ações (p.e. voar de um continente a outro, pegar documentos num processador de textos, gravar com uma câmara de vídeo o que ocorre na vida diária, ou documentar a brutalidade policial para denunciá-la). A tecnologia media as relações humanas. Enlouquece, isola ou conecta, dando um referente cultural comum a muita gente que fala, vive e se comunica entre si a partir da cultura tecnológica. Assim, a realidade e o mundo se homogeneízam de acordo com os diferentes programas de turno que tenha a agenda padronizadora. Tal uniformidade se reforça através da devastação de bosques, da construção de shoppings, do encarceramento racialmente seletivo etc. Em todos estes processos intervém a tecnologia, que sem a destruição acelerada do meio-ambiente não seria possível.

O [parágrafo] anterior parece indiscutível: a tecnologia é um aparelho que se usa, que se elimina, que se desconhece ou que é inacessível. A tecnologia aliena. A tecnologia consome e mediatiza a vida humana. Mas também a tecnologia é uma forma de aproximação à realidade, filtrada por meio de um módulo mental funcional que se torna ideologia. Essa é a razão tecnológica.

A peneira que separa o sujeito do meio e faz estourar o botão da consciência, constrói a racionalidade humana. O anciloso da razão em suas práticas instrumentais desenvolve o filtro tecnológico. E este petrifica a consciência. A consciência tem um efeito imediato que afeta outras

consciências, produzindo uma consciência social ou geral. Deste modo, não há consciências isoladas, porque no momento que um sujeito se relaciona com outro, a consciência se modifica, alterando, ao mesmo tempo, a consciência global.

A razão tecnológica fez com que a consciência se auto-padronizasse, padronizando tudo, simultaneamente. Para que se auto-peculiarize, peculiarizando simultaneamente o todo – para uma compreensão maior de si: a totalidade e o sujeito – é necessário conduzir a consciência para a razão estética. Numa realidade estética se abrem as possibilidades para a imaginação, enquanto a consciência social será criada de um modo diferente da maneira cega e ofuscante que fomentam as sociedades de massas. Isto deveria levar a restabelecer as relações sociais por meio do raciocínio lógico e analógico que há em cada peculiaridade da natureza. Para isso, é primordial dar rédea solta a nosso ser e deixá-lo se expressar no presente contínuo, como simples manifestação estética. Cada peculiaridade brilha com sua luz própria no encontro de cada qual que se conecta ao tudo e à vida.

39

Todas as criaturas viventes têm um impacto sobre a natureza, inclusive as plantas e as flores, que permanecem mudas ante a noite e o dia. As formigas não só afetam a natureza como que também os seres humanos. Das 7.600 espécies classificadas, há um pequeno número que causa uma infinidade de danos, tanto picando, mordendo e invadindo o habitat humano, quanto furando jardins, desfolhando árvores e plantas, deteriorando construções, telas, madeira, instalações elétricas, equipamentos eletrônicos etc.

As formigas escravizam outros insetos e atacam violentamente seus inimigos. Cada formigueiro funciona coletivamente. Assim trabalham em harmonia, alimentando a formiga-rainha e defendendo-a em caso de agressão estrangeira. Sua belicosidade é produto de um sistema organizacional altamente sofisticado que inclusive as leva a perpetrar guerras contra formigas de outros ninhos. Para tal efeito, as formigas obreiras limpam os caminhos por onde se deslocam as atacantes, enquanto as formigas soldados levantam ramos e outros matos que interrompem a fuga ou o regresso triunfante com cupins ou outras criaturas que são armazenadas como alimento ou energia para o inverno (época em que as formigas hibernam). Algumas espécies de formigas soldados têm um tamanho superior ao resto da colônia, o que implica uma clara divisão de funções e trabalho. O sistema de castas é inflexível e eficientemente rígido. Não há mobilidade de nenhum tipo. Assim, a hierarquia começa com a formiga-mãe, cujo matriarcado continua com as obreiras e soldados. As formigas menores e ágeis são geralmente as obreiras e sobre elas recai quase todo o peso do trabalho. De forma geral, são fêmeas atrofiadas que em ocasiões desenvolvem as mandíbulas mais do que o normal, dedicando-se também à defesa do formigueiro.

As formigas apareceram no período cretáceo, faz uns 100 milhões de anos. Habitam todos os continentes e vivem nas condições climáticas mais diversas. São essencialmente insetos sociais e se comunicam com suas irmãs por meio de uma substância química 'olfativa'. Tal forma de comunicação ou transferência de informação – que funciona como linguagem – se leva a cabo mediante o atrito de suas antenas, ou por meio do intercâmbio de comida ou outros objetos. O tato é muito importante, já que a vista das formigas é deficiente. Sua visão não atinge mais do que uns quantos centímetros, mas seu olfato tem uma grande eficiência. Segundo os entomólogos, o vocabulário das formigas compreende entre dez e vinte signos químicos (os 'ferormônios'). Por meio de tais signos, as formigas são capazes de identificar a casta de suas colegas, alertar sobre situações de risco, dirigirem-se de um lugar a outro, manter unida a colônia e reconhecer inimigos, alimentos ou alguma outra situação inesperada. Muitas colônias de formigas vivem dentro de ninhos feitos na terra ou na madeira. Ali se protegem contra seus inimigos e contra as inclemências do clima. Ademais, armazenam alimentos e outros recursos energéticos, como insetos que aprisionam e mantêm em cativeiro.

Thomas Belt estudou na Nicarágua um tipo de formiga que costuma saquear as plantações de café e os laranjais até arrasá-los por completo. Outras formigas observadas fermentam folhas e prendem um tipo de pulgão em pátios. Esta prática é empreendedora de sua civilização. Cito: "Algumas [formigas] se ocupam de cortar pedaços de folhas com suas mandíbulas em forma de tesouras, enquanto outras no solo as vão recolhendo para as transportar ao formigueiro. Mas estes fragmentos de folhas não constituem o alimento das formigas, mas os deixam apodrecer e fermentar para formar uma base fértil na qual inserem, cuidadosamente, pedaços de fibras de micélio. Assim, cultivam os fungos de que se alimentam. Mas ainda é mais surpreendente o caso das chamadas formigas de gado. Elas cuidam e vigiam as populações de pulgões que se reproduzem a ritmos vertiginosos até cobrir por inteiro as plantas sobre as quais se fixam. Presenteiam-lhes com carícias e mimos que são recompensadas pelo gotejamento de um líquido adocicado que para as formigas é um alimento extraordinário. Às vezes, inclusive, fabricam-lhes pequenos pátios nos formigueiros, onde os alimentam a suas crias, que vigiam com zelo". Esta prática se assemelha amplamente com a civilização humana.

As formigas são predadoras. As marabuntas, por exemplo, atacam todos os organismos vivos que acham em seu caminho. As formigas de fogo atacam e matam outros insetos ou animais pequenos e costumam se alimentar de animais mortos. Há outras formigas que são nômades e habitam o deserto. Na floresta também existem formigas jardineiras. Efetivamente, a metade dos bosques do continente americano foi plantado por esta espécie. Elas protegem as plantas e as árvores de certos insetos nocivos e também das pragas. Nas ribeiras do rio Amazonas, por exemplo, o chamado jardim flutuante que brota nos ramos das árvores, não é senão uma maravilha natural criada inteiramente pelas formigas jardineiras que transportam folhas e flores à copa

das árvores e troncos para construir seus ninhos. Indiscutivelmente, esta modificação da paisagem tem um efeito positivo na natureza.

O lar das formigas é o chamado formigueiro. Ali podem habitar centenas de milhares de formigas. No entanto, quando duas delas se cruzam, basta encostarem suas antenas para se identificarem. As formigas acumulam os ovos que as formigas férteis põem num determinado lugar do formigueiro. Algumas obreiras se fazem as vezes de amas de leite, alimentando as larvas que tecem a seu redor uma tela de seda para se converterem em ninfas e terminarem seu desenvolvimento. Quando as ninfas rompem seus botões já são formigas formadas que em poucas horas começarão o trabalho comum e social do formigueiro. Nos formigueiros há túneis e passagens que se comunicam uns com outros, denotando uma consciência arquitetônica que lembra as cidades humanas. Se o formigueiro se situa em terrenos secos, algumas formigas se sacrificam durante a estação úmida, enchendo de água seus ventres que se dilatam enormemente. Assim se podem manter por meses – inclusive até por um ano – a fim de prover a água de que a comunidade precisa. Se seus colegas vão à procura de água, elas mesmas a servem gentilmente nas próprias bocas das outras.

Numa conferência celebrada em agosto do ano de 2001, na África do Sul, o antropólogo Richard Leakey assinalou que o mundo está sofrendo a perda de 50 a 100 mil espécies a cada ano devido à atividade do ser humano, o que põe em sério perigo o equilíbrio do ecossistema planetário. Esta extinção em massa é comparável à que afetou os dinossauros faz 65 milhões de anos. Está claro que todas as criaturas viventes têm um impacto sobre a natureza. Mas o efeito que a civilização humana tem sobre o planeta é altamente destrutivo. Calcula-se que o peso de todas as formigas do mundo é equivalente ao peso dos 6 bilhões de seres humanos que habitam o planeta. Mas o impacto da civilização humana é radicalmente diferente do efeito que as formigas produzem. De fato, se os seres humanos desaparecêssemos neste instante, provavelmente as formigas e muitas das milhares de espécies que se extinguem cada ano sobreviveriam. Por outro lado, se as formigas desaparecessem, a vida não seria possível neste planeta. A atividade das formigas é essencial para a saúde da Terra. Não só furam e arejam a terra, como também a revolvem e fertilizam, tendo inclusive um efeito maior do que o dos próprios vermes de terra. As formigas podem revolver até vinte toneladas de terra durante a vida total de um formigueiro. Por outro lado, os efeitos alienantes, destrutivos e contaminantes da vida total de uma cidade ainda são imensuráveis.

40

Os cupins – também conhecidos como formigas brancas – são inimigos mortais das formigas. As formigas capturam os cupins e mantêm uma guerra de morte contra elas. Ambas as espécies competem pelo mesmo espaço vital. Os cupins roem madeira e matéria vegetal. As formigas podem ser carnívoras, e inclusive podem chegar a devorar outros congêneres se necessário. Durante

o verão, as formigas acumulam grãos e sementes como provisão para o inverno.

Os cupins provêm de uma família diferente da das formigas (são longínquas parentes das baratas), mas têm um sistema de organização social muito similar ao de suas inimigas. Ambas as espécies constroem ninhos para habitar e desenvolver seus modos de vida social, modificando a natureza. Algumas espécies de formigas fabricam seus ninhos em troncos de árvores, outras unindo e dobrando folhas para habitar o interior. A maioria das formigas escava a terra para formar galerias e estadias perfeitamente organizadas. Esse é o terreno modificado onde criam sua civilização. Os cupins também constroem seus cupinzeiros em vigas ou no solo. Os cupinzeiros do solo são montículos de terra que podem atingir grande altura e adquirir formas que estimulam a imaginação. De fato, os cupinzeiros parecem desenhos artificiais que fazem pensar que o melhor paisagismo se tenha na natureza mesma. Só basta aprender a olhar. Isto apaga a linha divisória entre o mundo e a arte, contrapostos cedo pela instrumentalização ideológica e suas metodologias taxonômicas. A natureza é estética em si mesma.

41

Especulemos por um momento. Junto à hipótese do desaparecimento dos Neandertais como linhagem à parte da espécie dos Sapiens, ocorrida faz uns 30 mil anos, existem outras duas hipóteses. Uma delas alega que na realidade ocorreu um processo de miscigenação entre os Neandertais e os Sapiens, o que teria significado o desaparecimento paulatino dos Neandertais devido a um lento hibridismo hegemônico pela espécie Sapiens. Outra hipótese, um pouco menos otimista, sustenta que os Neandertais desapareceram quando foram privados pelos seres humanos de seus territórios tradicionais, onde praticavam a caça e a coleta. Talvez ambas as teses sejam corretas. Especialmente a estas alturas, em que é quase impossível sustentar posições de purismo racial ou evolutivo das espécies hominídeas que uma vez habitaram o planeta e que, segundo parece, remontam suas origens ao Australopitecos, que surgiu faz uns cinco milhões de anos na África. É lógico, no entanto, pensar que todos os seres humanos estejam misturados entre si.

O rosto de um menino Neandertal, recriado computacionalmente pelos paleo-antropólogos da Universidade de Zurique, Márcia Ponce de León e Christoph Zollikofer, projeta alguns dados sobre esta espécie de hominídeos que, se supõe, habitou o Norte da Europa, o Oriente Médio, a Ásia Central e, provavelmente, o Oeste da Sibéria. A mandíbula dos Neandertais – que eram de queixo escasso e tinham dentes e sisos bem equipados para rasgar carnes e moer raízes – assinala que estes hominídeos tinham uma dieta carnívora. É provável que devido à sua conformação maxilofacial não tenham possuído uma rica linguagem verbal, mas, sim, contavam com outras formas de comunicação e tinham atividades rituais, tanto espirituais como artísticas.

Diferente das formigas e dos cupins que mantêm uma guerra implacável, ou de outras espécies também conflitantes, como as vespas com as abelhas, que em vez de beber as flores e polinizar o jardim atacam estas últimas e comem pedaços das flores, é muito possível que efetivamente tenha ocorrido hibridismo entre os Sapiens e os Neandertais. É possível também que essa primeira mistura tenha provocado uma transformação genética que fizesse que este novo grupo de seres híbridos não só adotasse a dieta carnívora como forma de subsistência como também tivesse uma influência crucial na virada para o cultivo da terra: a agricultura. Sabemos que isso significou o sedentarismo e a domesticação, processos que derivaram posteriormente em todas as formas homogeneizantes de organização da vida coletiva. E ainda que os seres humanos sejam seres sociais, também precisamos da solidão e do descanso.

Diferente das formigas e dos cupins, o mundo humano não se constrói só por meio do trabalho. Também não andamos procurando comida o tempo todo. Às vezes, descansamos, rimos ou jogamos. Necessários são a diversão, a dispersão e o lazer. No mundo dos himenópteros*, por outro lado, o rígido sistema de castas impõe a cada membro ativo do formigueiro estar sempre cumprindo uma função: mãe-rainha (como a máquina-mãe), as obreiras, os soldados, os machos e os escravos. Este sistema ultra-hierárquico de organização social carece completamente de imaginação. E se assemelha demasiadamente às sociedades eficientes e inflexíveis que promovem a padronização, na qual cada sujeito desenvolve um labor a fim de manter viva uma engrenagem maior e incompreensível. Ali, a máquina-mãe incuba seus ovos e o sistema se perpetua. Por isso, slogans como: “a imaginação no poder”, “imaginar o impossível”, ou a máxima einsteiniana “a imaginação é mais importante que o conhecimento” não perdem validade enquanto a repressão ideológica e o painel de controle continuarem dominando a raça humana. Ainda que, claro, tudo isto seja pura especulação.

42

O jardim burguês se expandiu como praga durante o colonialismo. É muito bonito, mas irreal. Os palcos que instalam a civilização, por artísticos que sejam, carecem de realidade. Em rigor, requerem o espaço e a erradicação de espécies indesejadas, coisificando o tablado sobre o qual se localiza o jardim (como se fosse uma fotografia instantânea). O jardim civilizador escraviza, mortifica e cedo ou tarde se murcha. Isto ocorre porque o jardim burguês tende à padronização do terreno, antes que à abertura de seus limites para um espaço aberto e horizontal. Além disso, seu objetivo é o luxo, se aborrecendo do horto comestível e auto-sustentável.

O jardim burguês tende ao enclausuramento. Da mesma maneira, com a ilusão de alumiar os territórios civilizados, mata a noite. O jardim das peculiaridades desterritorializa e deshierarchicaliza. Essa é sua natureza. Deixe

que o jardim cresça, organicamente, sob o conceito de um reconhecimento mútuo entre o jardineiro ou a jardineira e o jardim. A ideia não é uniformizar o terreno, nem controlá-lo. Pelo contrário, o ponto é aprender a viver com a natureza e no meio dela, orientando o efeito humano para uma prática antes estetizante que padronizadora. Dita aprendizagem parte por conceber a alteridade da natureza como a própria alteridade do sujeito. Só assim é possível desvanecer o ego entre a folhagem do que sempre cresce, para amparar e não para conquistar.

43

A noção de peculiaridade se opõe tanto à padronização como ao dualismo. A padronização aplanar e apaga a biodiversidade. Como cita César Vallejo, é “O mesmo que carece de nome”. O dualismo, por outro lado, sustentou-se na genealogia do pensamento cognitivo, que construiu disciplinas e metodologias por meio da oposição de termos aparentemente conflitantes ou "equidistantemente" opostos: A ou B, bom ou mau, claro ou escuro, concreto ou abstrato, geral ou particular, burguês ou proletário, barbárie ou civilização etc. Certamente, o dualismo cumpre uma função simplificadora, ainda que nenhuma de suas oposições possam se considerar de todo verdadeiras, já que são uma mera representação abstrata de parcelas da realidade e da natureza. Da mesma forma, não há oposições mais radicais do que outras, nem menos radicais, já que o procedimento racional em si está errado em seu princípio. O que existem são oposições mais claras do que outras porque ajudam a compreender a perfeição de certos processos relativamente complexos.

Segundo o [parágrafo] anterior e seguindo o modelo dualista lacaniano, que opõe o imaginário ao simbólico, isto é, o mundo não estruturado da “criança” que projeta imagens sobre a realidade, contra o universo libertário e ainda não-estruturado pelo processo formal de repressão dos símbolos, é possível distinguir o seguinte caminho. Ao simbólico – cuja correspondência compreende a ordem civilizada – seguem os símbolos: a gramática patriarcal imposta por meio do social. Seguindo este paralelismo, as imagens se derivam do imaginário: a projeção da interioridade sobre o mundo. Assim, as imagens levam à imaginação e o símbolo à simbolização, que se manifesta nos ritos. O ritual instrumentaliza a natureza para dominá-la por meio da magia ou por meio da representação. Tal instrumentalidade é funcional e coerciva, porque estrutura e manipula. Efetivamente, através dos diversos instrumentos simbólicos se tende a representar a realidade, no lugar de compreendê-la perfeitamente. As imagens, por outro lado, criam as percepções de mundo que se expressam culturalmente no estético e fundam a cultura. Quando isto ocorre, o ser se manifesta esteticamente, dando curso ao desdobramento de todas suas peculiaridades. Ao invés, a instrumentalização implica a padronização, que esconde em seu interior uma impulsão controladora que categoriza tudo mediante as variadas metodologias de classificação taxonômica. Este processo de padronização produz o fetiche, que não é senão

uma falsa consciência da realidade. A falsa consciência se fundamenta tanto na espetaculosidade da vida como na alienação.

Há dois tipos diferentes de alienação. Uma material, que reduz a vida à sobrevivência econômica. E outra ideológica, que gera a desumanização e a robotização do sujeito. Com a automatização, o ser humano se separa da natureza e de sua própria condição natural. Com a peculiaridade se cria consciência, re-humanizando e religando compreensivamente os seres humanos consigo mesmos e com a própria natureza. A consciência não é inteligência nem conhecimento. É o reconhecimento do outro, que não só ocorre nos termos dialéticos exclusivos de Hegel entre amo e escravo. O reconhecimento também pode ser inclusivo. A consciência permite uma convivência baseada no respeito mútuo e no reconhecimento recíproco dos outros, que não são senão nossos próprios semelhantes: o meio ambiente e as criaturas que o habitam e que constituem a totalidade. A coexistência só é possível mediante um entendimento correspondido da peculiaridade de todos os outros seres, a fim de estabelecer uma empatia radical pelo direito de todos à vida.

44

A imagem que projeta a interioridade sobre o mundo mantém seu caráter estético. A imagem que se reflete reforça o processo de reificação. Em si, todas as imagens separadas de nós mesmos alienam. Cada imagem é uma coisificação, já que as imagens representam a realidade, estabelecendo uma mediação entre os seres humanos e entre o sujeito e o meio natural. Dita mediação substitui a realidade. Quando o menino pré-histórico viu pela primeira vez seu rosto no reflexo da água – no lago, na poça ou simplesmente no gelo – não viu senão uma imagem. A equação que o levou a ver-se a si mesmo como essa imagem, isto é, a identificar-se a si mesmo com o que estava vendo, acordou a noção de identidade. Tal noção é a que produziu a separação entre o indivíduo e a natureza, dando suporte à fratura entre o sujeito e o objeto: fundamento original da consciência humana. Deste modo, a consciência é a que origina em primeiro termo a alienação, porquanto se torna metaconsciência: auto-reflexão em torno de si mesma. Não obstante, sem consciência auto-reflexiva o ser humano está indefeso frente ao controle imperial da padronização e da máquina propagandística que falsifica a realidade e manufatura a falsa consciência ideológica.

A alienação industrial moderna opera tirando ao sujeito seu presente. Para realizar dito ataque, força ao sujeito a viver numa sorte de realidade virtual que se denomina futuro. A mentalidade moderna se caracteriza pelo planejamento do futuro. Esta noção fura a mente humana como se fosse um ferro que atravessa os indivíduos alinhados no balcão da produção em série. O horizonte do futuro se vivencia como tempo ilimitado que avança progressivamente numa carreira às cegas sem meta nem fim. Para a mentalidade religiosa pré-moderna, o futuro é finito e acaba com o juízo final

ou a ascensão a qualquer dos paraísos religiosos promovidos pelas diferentes narrativas mítico-religiosas. Em tal sentido, o moderno e o pré-moderno fixam a temporalidade fora do presente perpétuo, inscrevendo a mentalidade humana no campo da domesticação. Vivenciar o presente, no aqui e agora, conduz a um estado pré-doméstico e atenta contra as ideias de planejamento e de desenvolvimento. A noção de futuro, portanto, é a imagem que reflete a ideologia. E para ninguém é um mistério que sua realização habite no campo do impossível, ainda que seu aporte também seja inevitável.

45

A diferença uniformiza e homogeneiza a experiência em dois blocos que se supõem diferentes. Isto é parte do dualismo. “Beta” é diferente de “alfa” e vice-versa. De acordo com esta prática binominal, a diferença determina a identidade. Mas essa é a armadilha da categorização: estratégia do império padronizador. Propor a identidade desse modo é concebê-la em termos conflitantes, antagônicos e opostos. Assim se nega a peculiaridade de cada ser. Cada criatura é peculiar e diferente de todas as outras criaturas peculiares e diferentes entre si. A diferença reduz a identidade a dois blocos identitários: “alfa” ou “beta”. Ou “gama” ou “épsilon”. Ou qualquer outro. A peculiaridade do ser desfaz o cerco binário e amplifica a consciência auto-reflexiva: ponte necessária para compreender a experiência do ser na totalidade. Esta compreensão requer necessariamente de uma ‘nova humanidade’. Esse é o ‘mundo novo’ que construímos cada vez que nos desconectamos das máquinas padronizantes e vivemos a vida de um modo diferente e mais naturalmente, a fim de desalienarmos e melhorarmos da doença da ideologia. A ideologia se transmite através da seringa da propaganda. E a diferença é uma armadilha da propaganda.

46

Barbara Ehrenreich propõe que tanto as guerras como os sacrifícios rituais são práticas comemorativas que reconstroem a transição do animal humano de presa a depredador. A violência humana rememora a experiência reprimida de ter sido presa para os predadores: nosso papel inicial na cadeia alimentar. Por meio da socialização e da cooperação as bandas primitivas foram capazes de sobreviver frente aos ataques dos predadores. Não obstante, os mais débeis, lentos e indefesos eram sacrificados pelo bem do resto da tribo primitiva. Uma vez que os membros mais saudáveis e jovens conseguiam fugir, as feras se davam um banquete com os atrasados do grupo que morriam devorados inescrupulosamente. Isto acordou os sentidos de perigo e horror que dispararam a consciência da morte. A sociabilidade foi um primeiro passo na sobrevivência, dando origem aos sentimentos de solidariedade e cooperação comunitária. A experiência de ser presa é anterior à caça. Foi a manufatura

de ferramentas e sua manipulação o que permitiu que o ser humano caçasse outros animais para se alimentar e se auto-defender. Assim também se agudizaram as práticas domesticadoras. O cachorro, por exemplo, foi domesticado primeiramente como animal de caça. É provável, no entanto, que anteriormente à caça tenham existido práticas carniceras, o que teria sido a origem do carnivorismo. Com o talhe e o polimento da pedra – e a fabricação de ferramentas e armas de caça – os seres humanos primitivos torceram o curso da natureza, tornando-se depredadores eles mesmos. Isso originou o pensamento bélico, ao mesmo tempo que assentou as pautas do desenvolvimento evolutivo instrumental do raciocínio. Neste processo, os animais carnívoros foram vistos como deidades, representadas muitas vezes nas pinturas rupestres e nos ritos simbólicos. Dita representação está unida aos sacrifícios que, por exemplo, os antigos gregos transformaram em hecatombes. As guerras não são senão ritos bélicos de sacrifício humano, levados a cabo em nome dos ‘pais políticos’ que a mega-máquina padronizadora e estupidificadora desenhou. As guerras recriam o horror da presa, cuja adrenalina lhe dita fugir ou lutar, ao mesmo tempo que realçam o espírito conquistador do predador. Nas sociedades modernas, os tabletas antidepressivos suprimem os ditames da adrenalina, reprimindo a capacidade de experimentar o risco e subsumindo o instinto na frustração auto-repressiva e estressante. A mega-máquina cretiniza a população, que se transforma num grupo supérfluo de indivíduos capazes de serem manipulados por meio de slogans nacionalistas, derivados quiçá de um sentimento primitivo, socializante e antigo. O militarismo conduz seus soldados a uma hecatombe moderna cujo único efeito é o terror. Por isso, trepar numa árvore para defendê-la da devastação indiscriminada das madeireiras, liberar um animal de sua jaula, deixar o veado pastar calmamente, organizar panelas comuns, abraçar os amigos e amigas etc. são atos de amor que desbaratam a lógica da presa e do predador. A guerra é a recriação material e simbólica da transição à predação e se cristaliza na revivificação ‘terrorista’ do horror. O respeito mais absoluto por todas as criaturas vivas é a única ética possível contra a agressão depredadora. A sobrevivência não se sustenta na arte de matar, nem na política nem na guerra. Pelo contrário, a cooperação e a comunidade responsáveis são primordiais para garantir a convivência humana com o planeta. A depredação, o terror e a guerra são o tridente sanguinário com que investe a garra da razão instrumental. Sua lógica auto-racionalizante é a estupidez, que anula a consciência e infere medo à imaginação. Para amplificar a consciência em detrimento do determinismo genético é necessário bloquear o paradigma ‘presa-predador’. Opor-se às guerras é um passo adiante.

Para o pensamento anarco-primitivista, a divisão de trabalho produziu uma sequência reificadora que terminou construindo o simbólico e suas ramificações: numeração, arte, tecnologia, agricultura, linguagem, cultura etc.

O símbolo é então a linha divisória que marca a diferença entre a vida pré-histórica plena de vitalismo sensual e a vida histórica atual, mediada pela coisificação e delirante pela alienação. Para o marxismo essa divisão se produziu pela aparição da sociedade de classes, cujos alicerces remontam a apropriação da terra e do conhecimento por um grupo de sacerdotes que desencadearam o mapa da petrificação social entre classes dominantes e dominadas: amos e escravos, senhores feudais e servos da gleba, burgueses e proletários etc. Em ambos os casos se reconhece uma fratura entre um tempo pré-histórico e outro histórico: o primitivismo feral contraposto à civilização e à domesticação, ou o comunismo primitivo contraposto às sociedades de classes e à exploração social. As delimitações históricas para assinalar o momento daquela ruptura variam segundo as diferentes datas que ofereçam as fontes antropológicas usadas e a perspectiva dos diversos programas que sentenciam os crenes da gaia ciência. No entanto, há consenso em que a adoção da agricultura foi crucial na mudança para uma vida sedentária, hierárquica e repressiva. Não obstante e, apesar de todo o consenso estabelecido, é bem mais provável do que a 'expulsão' do paraíso primitivo, prova de um momento anterior sobre cuja data sequer podemos nos aventurar. Esse é o momento em que os seres humanos começaram a se distinguir da natureza: o ponto em que a consciência, a identidade e a linguagem passaram a formar o triângulo que levou, simultaneamente, à perdição natural e à criação da noção de humanidade.

A consciência humana surge da fragmentação da consciência maior da natureza – e do cosmos – a que ainda os animais, insetos e vegetais estão conectados. Nossa consciência nos separa da natureza, produzindo uma divisão inevitável. Surge de dois processos que têm a ver com a identificação e a verbalização. O primeiro faz referência à noção de identidade que se produz com o reconhecimento da morte. A consciência da própria mortalidade gera a noção do eu que se forma por oposição à identidade do outro: os demais, a natureza, o mundo animal etc. Esta oposição básica entre interioridade e exterioridade se dá por meio da verbalização. O sujeito enuncia, mental ou foneticamente, o significado eu, que depois deriva na noção do externo e do outro: eu sou o que o outro não é. Isto inicia cedo a sujeição a uma tabela de conteúdos e de signos arbitrários que se representaram “a posteriori” na forma de uma gramática e que tendem a desvendar o sentido do eu e do não-eu: base psicológica da projeção do ego sobre a natureza. Tal processo de auto-compreensão da identidade por meio da linguagem implica a vivência animista da natureza. Percebe-se então um espírito - ou alma - que habita todas as coisas do mundo: os elementos. É provável que durante esse momento a dieta geral tenha sido exclusivamente herbívora e que as formas básicas de provisão se tenham baseado na coleta de alimentos. Assim, os processos de identificação e de verbalização se foram consolidando paulatinamente, fazendo com que os forrageiros adotassem formas rituais de ratificação de suas identidades coletivas por meio do desenvolvimento de práticas canibais que posteriormente derivaram no carnivorismo. Esta é a época da caça, pesca e da recolha, além da mudança de nossa posição na

cadeia alimentar.

O rito conduz ao simbólico, porquanto pó meio dele surge a impulsão por dominar os 'poderes' da natureza. Isto se faz a partir de práticas cerimoniais que se codificam em atos simbólicos de origem ritual. O símbolo é o germe de toda prática coisificadora que deriva no divórcio entre a apreciação da natureza e a convivência prática com ela. Tal separação fomenta a instrumentalização do mundo natural, cuja primeira manifestação se expressa na magia xamânica que aspira a modificar a natureza por meio de seu poder sobrenatural. O xamanismo é a prática de invocação dos espíritos das coisas – percebidos na fase animista – a fim de ordenar o curso da natureza segundo a vontade do xamã ou da feiticeira. Assim, a instrumentalidade simbólica representa o mundo material da natureza que, pouco a pouco, é substituído pelo próprio símbolo.

Os Neandertais desenvolveram figuras e instrumentos de caça e de música faz pelo menos 30 mil anos. E certos grupos aborígenes na Austrália também desenvolveram ornamentos simbólicos faz mais de 50 mil anos. Tal mediação produzida pela instrumentalidade simbólica modificou o pensamento e impôs um módulo mental, racional, lógico e funcional que se expandiu sem limites por cima do intuitivo e do estético. Esta razão instrumental é a geradora do pensamento tecnológico que conduziu à categorização: base de todo processo padronizador. Assim, a divisão do trabalho se fez mais complexa, dando origem às sociedades de classes e à civilização: a história. Ali se emolduram a arte, o Estado, a linguagem, a economia, o dinheiro, as raças, a tecnologia, a colonização etc. Paralelamente, a domesticação também começa sua realização total com a história, tanto através da agricultura e da cultura simbólica, como através da pecuária e da normalização do agreste que conduz à devastação florestal. O lucro e a alienação moderna são formas posteriores de domesticação social, massificadas por meio da expansão da produção em série. O instrumental, portanto, é a fonte de onde surgem as entidades hierárquicas e categóricas. Estas não são senão um conjunto de ideias a respeito da realidade acumuladas com o tempo. Ideias que constituem a ideologia da história e do progresso. Justamente é esta ideologia a que deu suporte ao império da padronização e do pensamento dualista.

A noção do peculiar desmantela radicalmente o dualismo e a padronização, já que com ela o ser humano se pode religar ao mundo natural por meio da apreciação da natureza e da interação estética com ela. Isto não só desbanca a falsa divisão entre arte e realidade, que arranca a beleza à vida, como também desbarata a razão instrumental que dá origem a todas as noções alienantes que perpetuam o simbólico. A apreciação da natureza implica sua defesa como também uma prática ativa de compenetração orgânica com ela. Isto compreende um respeito total por todas as criaturas vivas do planeta e uma convivência social que garanta a retribuição ritual por cada matéria prima extraída da terra e da floresta.

Começar desde já a cultivar o próprio sustento em hortas ecológicas que

respeitem o ecossistema é uma necessidade vital. A vida em comunidade garante a autonomia e a independência do sistema corporativo e estatal. Valoriza as relações pessoais sem mediações hierárquicas nem burocráticas. Estimula a camaradagem e a irmandade, baseadas no princípio da cooperação. Proezas deste tipo foram levadas a cabo em diferentes comunidades do planeta, tais como em Christiania (Dinamarca), Aprovecho e Alpha (ambas em Oregon, EUA.), Solentiname (Nicarágua), Gaivotas (Colômbia), GAIA (Costa Rica) etc. Na América do Norte existem cerca de quatro mil experimentos comunitários, sem contar as comunidades indígenas ancestrais ao longo de todo o continente americano que ainda seguem resistindo à penetração ocidental colonizadora.

A solução geral frente a agricultura industrial e o monocultivo é a permacultura, que não esgota os recursos da natureza e permite levar uma vida auto-sustentável em harmonia com o meio ambiente nos diversos microclimas. O planeta é uma constelação de microclimas – ou peculiaridades meteorológicas – onde é possível o florescimento de comunidades humanas rotativas e móveis. A noção de um clima ótimo e exclusivo para a sobrevivência é uma sutileza da padronização. Bem como os animais humanos são um gênero peculiar da natureza, assim também são os climas, os vales, as cordilheiras, as costas, os bosques, as savanas etc. Sentir para compreender é uma tática de auto-sensibilização. A sensibilidade nos reconecta à terra e nos torna sábios. Viver em comunidade implica viver em harmonia com o solo em que pisamos, o ar que respiramos, a brisa que nos limpa, a floresta que nos alimenta, a água que nos vivifica etc. Viver em comunidade é viver com os outros. Mas também é viver em meio ao ambiente e ao clima que são peculiares. Sentir essa peculiaridade garante a sobrevivência.

A sabotagem contra a máquina infantilizadora e contra os campos agroindustriais que lucram às custas da saúde do solo e das pessoas também foi uma tática de autodefesa atual entre algumas comunidades do planeta. A resistência contra a penetração das empresas florestais e contra a construção de barragens hidrelétricas foi primordial para a chegada de uma nova consciência biocêntrica. Esse é o exemplo do povo mapuche no sul do Chile, ou da ação dos ativistas verdes no noroeste americano, que se trepam nas copas das árvores para viverem em plataformas de madeira a fim de evitar a devastação dos bosques temperados. Este exemplo de integridade desperta a consciência adormecida e submetida pelo nivelamento do império da padronização. E tal consciência brota e se opõe à agenda monetarista dos oligopólios, restabelecendo a imaginação e abrindo as portas a um novo mundo.

A consciência criativa do século XXI começou a se expressar em 1999 na tomada estudantil da UNAM na cidade de México e na batalha de Seattle contra a Organização Mundial de Comércio. Nesse mesmo ano ocorreu o protesto de 18 de junho em Eugene, Oregon, EUA, enquanto a ofensiva camponesa manifestada nos assaltos contra uma loja norte-americana de comida no sul da França e contra as instalações multinacionais de comida

transgênica no Brasil ampliaram a consciência criativa ecossocial a um âmbito maior de preocupações. Isto gerou um movimento de resistência que foi crescendo organicamente a cada protesto contra a chamada globalização, obrigando os agentes corporativos a se guardarem em cercos protegidos pela guarda pretoriana do império da padronização. Assim sucedeu em Praga, em Quebec e em Gênova, e assim seguirá sucedendo. Precisamente este é o muramento que isola o sistema que se derruba por seu próprio peso, conduzindo-o à auto-demolição. Da mesma forma, a destruição dos pilares de entrada ao capitalismo mundial – simbolizados pelo número onze que formavam as torres gêmeas do Centro Mundial de Comércio na cidade de Nova York, o 11 de setembro de 2001 – abriu um buraco irreparável na borbulha do império da padronização. E este é o começo do fim que abre uma nova época em busca da sabedoria ancestral para o jardim de todos e de cada peculiaridade.

Quando Colombo chegou ao continente ‘americano’, a empresa colonizadora europeia se pôs em marcha e, com ela, a padronização. Em 500 anos desapareceram 75% das plantas nativas comestíveis das Américas, dentre elas, muitos legumes com proteínas similares às que hoje oferecem os produtos de soja. Como uma extensão do genocídio invasor, muitas plantas europeias foram trazidas ao continente, invadindo o solo e destruindo a biodiversidade dos ecossistemas. De fato, o conhecimento racional europeu era bem mais limitado do que a sabedoria ancestral dos povos originários do continente, que entendiam muito melhor os ciclos da natureza. No século XV, os europeus conheciam só 17 variedades de hortaliças comestíveis, enquanto, já no século IV, os índios Hohokam – habitantes da região que atualmente ocupa o Novo México – cultivavam cerca de 200 variedades de vegetais comestíveis. Na América do Sul, os Incas desenharam um sistema de cultivo em sacadas agrárias, que se estendiam ao longo da Cordilheira dos Andes, a fim de aproveitar os diversos microclimas e a variada qualidade de húmus, chegando a colher ao redor de 600 tipos de batatas. Isto prova que a horticultura não tem nada a ver com a impulsão padronizadora da civilização, já que em vez de domesticar o meio, adapta-se às características peculiares do solo e dos microclimas, mantendo intactos os ecossistemas e a biodiversidade.

A peculiaridade estética dos diversos modos de resistência – também peculiares – enalteceu a luta centenária dos povos indígenas, cuja forma mais eloquente de autodefesa se manifestou no estado de Chiapas (sul do México), na região da Araucanía, ou no território Mapuche (sul do Chile), em Salta (norte da Argentina), Bolívia, Equador, Colômbia etc. Assim, a consciência da espécie humana desperta e abre os olhos para estremecer a razão instrumental e tomar um atalho para o mundo da peculiaridade, que é o mesmo mundo da natureza. Diferente da consciência primitiva que provocou a fragmentação original, a consciência coletiva atual procura a conexão com o outro através do desvanecimento do ego na totalidade orgânica do planeta. A diluição do eu no espírito da natureza permite que o ser se manifeste em toda sua plenitude. Tal manifestação é a expressão estética da peculiaridade. Por meio dela se cria a

cultura que desfaz a padronização e arranca todas as etiquetas que o sistema das categorias fabrica. De fato, quando o ser desdobra todas as pétalas de sua peculiaridade para se expressar esteticamente, consegue melhorar tanto a si mesmo como também melhorar o mundo e a humanidade. Este processo o aproxima da autenticidade: condição do 'genuíno', que nas sociedades altamente alienadas e alienantes é um privilégio quase exclusivo dos artistas e das personalidades de exceção. Da mesma forma, a verbalização criativa subverte o dualismo e reconstrói a noção de humanidade. E essa é a razão pela qual a conversa é um ato vetado no mundo robótico do paradigma pós-moderno do autômata. Em tal sentido, expressões tais como “feral”, em inglês, e “bárbaro”, em castelhano, foram adquirindo uma conotação positiva que desloca a partir do idioma o modelo patriarcal baseado no sistema dualista da barbárie contra civilização.

Pensar um mundo remodelado que permita uma coexistência baseada no respeito mútuo e total por todas as criaturas vivas que habitam este planeta é vital. Cada peculiaridade é uma pétala que deve ser cuidada. A horizontalidade e a ausência de hierarquias são cruciais, já que ninguém deseja ser mandado, controlado ou detido. Ao invés, estas situações parecem um castigo. Da demolição de toda autoridade depende a verdadeira liberdade. O estado natural dos seres humanos é a anarquia, que não é senão o amplo jardim libertário onde se expressa o espírito. Contra o painel de controle do império padronizador se ergue saudavelmente o jardim das peculiaridades. E já que na terra radica o poder verdadeiro, o desafio deste século é voltar a interagir cotidianamente com a natureza, a fim de nos recuperarmos do trauma civilizador. Isto é, nos remodelarmos a fim de melhorar nossa condição humana. Só construindo uma nova humanidade será possível habitar um novo mundo, baseado na sensibilidade e na racionalidade estéticas. E ainda que isto seja só um ponto de partida, o resto permanece no mistério. Para o futuro não há panaceias.

Bem como nos últimos cem anos a explosão demográfica aumentou sinistramente, assim também a população mundial pode diminuir em cem anos. Uma relação sensata com a terra, que estabeleça certa coerência perdida entre as tendências reprodutivas e a disponibilidade de recursos locais, pode reduzir notoriamente o número de seres humanos no planeta. E isto se pode levar a cabo sem planos sanguinários. Saber onde estamos, como vivemos e como sobreviveremos, expande a consciência global. Além disso, nos faz partícipes ativos e responsáveis do processo de continuidade da espécie humana, devolvendo às pessoas a independência ancestral, tanto dos processos de produção em massa como da medicina industrial. A princípios e meados do século XX as famílias costumavam procriar entre cinco e mais filhos por casal. Nos países colonizados, especialmente no campo e naquelas zonas totalmente despossuídas, esta tendência ainda perdura como forma de sobrevivência. Quando a alimentação e a moradia voltarem a estar nas mãos da comunidade e deixarem de ser monopólio das correntes comerciais e da produção em série, a responsabilidade e a autonomia comunitárias

transformarão a consciência humana numa consciência integral, reunificando o sujeito com a comunidade e o meio ambiente. Isto transformará as tendências reprodutivas atuais. E fará possível que numa ou duas gerações a superpopulação do planeta não seja mais do que um 'problema' do passado industrialista.

O jardim das peculiaridades é um projeto de humanidade. Sua visualização consiste em dar-se conta da peculiaridade da natureza. Se a consciência primitiva surgiu através do reconhecimento da própria mortalidade, a consciência libertadora surgirá através do reconhecimento da própria peculiaridade. Esta revelação pode entregar uma só certeza primordial: a vida não será apagada da face do planeta – tal qual a concebemos hoje – enquanto não dermos trégua ao império d'O mesmo'. O assunto é aprender a viver neste jardim planetário sem controle nem autoridade. E se a vida é uma viagem, há que se deixar levar pela corrente do rio sem impor um controle que a detenha. A corrente do rio é a corrente da natureza. A corrente social, padronizadora e midiocrática, é a eletricidade do controle. Seguir nela é morrer de estresse, alienação, ansiedade, loucura, fome, exploração, repressão, miséria. Para ir pelas correntezas de um rio deve se aprender a viver. Quando se segue o movimento prateado de cada gota tumultuosa e selvagem se está em contato com o ritmo do mundo natural. Seguir essa cadência, evitando as rochas, é um ato sábio. Cair da balsa ou da canoa evidencia incomodidade. Essa incomodidade é a incompatibilidade entre o controle e a vida. O controle engendra medo e impede de viver. Desata a paranoia. A vida, diferentemente, oferece-se formosa e ingênua como um fruto nativo. Depende de nós morder a maçã e aprender a sonhar.

A travessia ao jardim das peculiaridades é uma viagem sem regresso. Prestar ouvidos aos murmúrios da civilização, uma vez aportados ao caminho correto, é cair na armadilha do temor. Significa perder-se, já que a única saída é a porta de escape para a carreteira que leva ao asfalto da padronização. E ainda que cada criatura requeira uma morada para viver, não há por que pensar que o concreto deva ser necessário. O verdadeiro lar humano pode ser uma choupana no bosque, que junto a outras choupanas formem uma comunidade de peculiaridades. Ou também pode ser um bairro, que despavimente a idiotice e o isolamento para deixar uma ou outra rota em meio de outros bairros. Cada constelação de peculiaridades será uma sorte de comuna que garanta a autonomia horizontal de cada comunidade. Só assim se poderão abolir as hierarquias. E como prática social, entre seres sociais, a festividade ritual e o jogo comunitário serão parte da estratégia para combater a acumulação. Deste modo, todo excedente que eventualmente seja manufaturado será desfrutado como ingrediente do carnaval coletivo.

O jardim das peculiaridades é uma aposta feita em favor da conservação do meio ambiente e da sobrevivência da raça humana. Ali a intuição deve iluminar. Não nos extraviarmos depende de nós. Só há um caminho que conduz ao coração da vida.

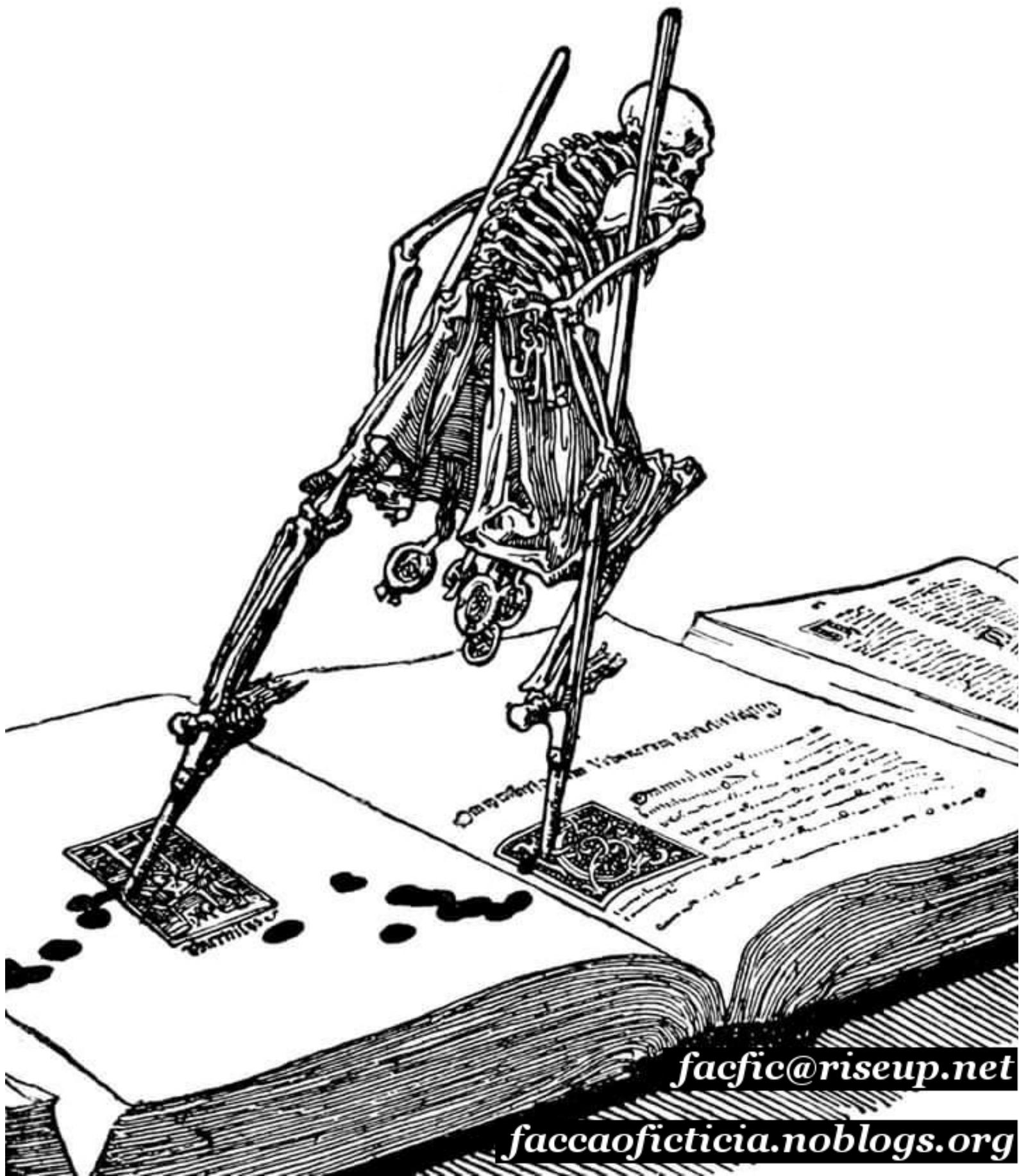


“...é na desconstrução do discurso que repousa a possibilidade de adotar uma nova perspectiva. Perceber que o mundo não é uma experiência pronta e que a racionalidade o vê assim: de dentro para fora, a partir da mente que categoriza, separa e valora. É dessa atitude taxonômica e valorativa que as mitologias da queda do homem, de sua expulsão do paraíso terreno falam: conhecer o que é bem e mal, separar humanos de animais, animado de inanimados é assumir uma existência fictícia à parte da existência e considerar a ficção superior à realidade: ter consciência da existência e confundir aquela com esta.”

– P. M. Ribeiro

(no prefácio à edição brasileira de 2011 pelo coletivo *Você Tem Que Deistir*)

Coleção FiK.DiK
– *textinhos que você TEEEM que ler .*



facfic@riseup.net

faccasoficticia.noblogs.org